



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS –
FACC

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

AUTOR: JOÃO LUIZ WANDERLEY PEREIRA

**O IMPACTO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS:
CASO BRASIL 2014 E 2016**

**RIO DE JANEIRO
Dezembro/ 2010**

AUTOR: JOÃO LUIZ WANDERLEY PEREIRA
DRE: 105041793

O IMPACTO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS:
CASO BRASIL 2014 E 2016

MONOGRAFIA APRESENTADA JUNTO AO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO COMO REQUISITO NECESSÁRIO
À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL.

ORIENTADOR: JOSE ALBUQUERQUE
COSTA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professor Orientador

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Leitor

Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____/_____/_____
Data da aprovação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre acreditou em mim, me apoiando em todos os momentos para que eu pudesse concluir este que é o maior passo dado por mim até então. Em especial, aos meus pais, que investiram no meu futuro e a quem serei eternamente grato.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sérgio e Márcia, por todos esses anos de esforço e dedicação para que eu pudesse me tornar a pessoa que sou hoje, espelho do carinho e confiança recebidos. Muito obrigado, amo vocês.

Às minhas irmãs, Priscila e Raquel, que sempre estiveram ao meu lado nas minhas escolhas, ajudando e me orientando da melhor forma possível. O companheirismo e a troca de experiências contribuíram imensamente para eu me tornar uma pessoa mais madura e apta a enfrentar desafios que se seguirão. Aos meus avós, tios e primos, deixo o registro de que também foram parte essencial neste processo, embora a vida tenha se desenhado muitas vezes de maneira diferente do esperado.

Aos meus amigos, com quem compartilhei angústias e alegrias durante tantos anos, e que foram peça-chave nesse grande passo da minha vida. Embora venhamos a traçar caminhos diferentes, tenham certeza que jamais sairão do lado esquerdo do meu peito.

E ao meu orientador, pela imensa ajuda na conclusão deste trabalho, selando anos memoráveis em minha vida.

EPIGRAFE

"O objetivo principal não é apenas trazer os eventos para o Brasil, mas diversificar as cidades que os recebem e trabalhar para prolongar a permanência deste turista no país, de forma a ampliar o volume de dividas gerado, beneficiando as economias e sociedades locais. Os eventos são, desde já, um celeiro de oportunidades."

Jeanine Pires, presidente da Embratur

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 – INTRODUÇÃO	9
1.1 – Objetivos	11
1.1.1 - Objetivo Geral	11
1.1.2 – Objetivos Específicos	11
1.2 – Delimitações do Estudo	11
2 – REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 – A Copa do Mundo de Futebol	12
2.1.1 – Introdução	12
2.1.2 – A Primeira Copa do Mundo de Futebol	13
2.1.3 – A escolha do país-sede e a evolução do torneio	15
2.1.4 – A cobertura dos meios de comunicação	20
2.1.4.1 – A cobertura no Brasil	20
2.2 – Os Jogos Olímpicos	21
2.2.1 – Introdução	21
2.2.2 – A escolha da cidade-sede	23
2.2.3 – Comercialização	24
2.2.3.1 – Orçamento	24
2.2.3.2 – Os efeitos da televisão	25
2.3 – Economia Brasileira	27
2.3.1 – Os principais setores da economia	29
2.3.1.1 – Serviços	29
2.3.1.2 – Agricultura e produção de alimentos	30
2.3.1.3 – Indústria	31
2.3.2 – Situação econômica	32
2.3.2.1 – Crescimento Sustentável	32
2.3.2.2 – Controle e Reforma	32
2.3.2.3 – Políticas Consistentes	33
2.3.2.4 – Renda no Brasil	33
2.3.3 – Informações, Índices e Dados sobre a economia brasileira	33

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
4 – A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL	36
4.1 – Breve parêntese: África do Sul 2010	36
4.2 – Caso Brasil 2014	37
4.2.1 – Impactos socioeconômicos	37
4.2.2 – Mudanças ao longo da história	38
4.2.3 – Fluxo de turistas	39
4.2.4 – Cidades-sede	41
4.2.5 – Setores impactados diretamente	41
4.2.6 – Análise <i>SWOT</i> (FOFA)	45
4.2.7 – Modelo de Porter	46
5 – OS JOGOS OLÍMPICOS	47
5.1 – Barcelona 1992	47
5.2 – Caso Brasil 2016 – Rio de Janeiro	49
5.2.1 – Impactos socioeconômicos	49
5.2.2 – Análise <i>SWOT</i> (FOFA)	53
5.2.3 – Modelo de Porter	54
6 – CONCLUSÃO	55
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

RESUMO

Grandes eventos esportivos são oportunidades únicas para diversos setores de qualquer país que os recebe. Com a realização, em um curto período de tempo, da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e dos Jogos Olímpicos, em 2016, o Brasil – que já é líder na América do Sul e um dos destinos emergentes no mundo na realização de eventos internacionais - ganha condições de atingir um novo patamar na sua promoção como destino turístico global, além de propiciar a chance de se desenvolver em setores-chave da economia.

A escolha do Brasil como país-sede desses dois megaeventos abre grandes oportunidades para diversos setores da economia. Eles vão desencadear um complexo conjunto de planos de negócios referentes a investimentos e parcerias públicas e privadas. Toda a economia será afetada, mas os efeitos se diluem pela cadeia produtiva, atingindo em primeira estância os setores ligados diretamente ao turismo, hotelaria, construção civil, setores de informação, serviços prestados a empresas, e outros, e em segundo plano atingindo setores que se beneficiarão indiretamente da realização dessas competições.

Embora faltem quatro e seis anos para a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas, respectivamente, já é possível notar investimentos e projetos em vários setores, principalmente no de infra-estrutura (estádios, aeroportos, hotéis, vias públicas), segurança, logística, melhoria dos serviços turísticos. O poder público e a iniciativa privada planejam aportes na casa de bilhões para investir em obras em diversas cidades brasileiras, que renderão milhares de empregos temporários e/ou permanentes, darão visibilidade internacional ao Brasil e ainda incrementará notavelmente o turismo no país, o que é comprovadamente uma fonte de receita essencial.

Este trabalho visa fomentar e levantar reflexões sobre as mudanças significativas que ocorrerão no Brasil antes, durante, e depois da realização desses dois eventos esportivos, além de apresentar algumas oportunidades de crescimento para a economia e sociedade. Inúmeros projetos já estão caminhando e idéias amadurecendo, embora seja clara a necessidade de se agilizar processos para que o “B” do BRIC esteja apto a hospedar os eventos analisados.

Palavras-chave: Copa do Mundo, Olimpíadas, Economia Brasileira, Turismo, Desenvolvimento, Oportunidades.

1 - INTRODUÇÃO

A realização de grandes eventos de caráter mundial vem sempre acompanhada de uma responsabilidade de magnitude igual ou superior a eles. Especificamente falando de Copa do Mundo de Futebol e Olimpíadas que são, indubitavelmente, os maiores eventos esportivos do mundo, essa responsabilidade aumenta, uma vez que os impactos gerados são capazes de mudar por completo as diretrizes e o rumo do país-sede.

Sendo a maior competição que contempla o esporte mais popular do mundo, a cada quatro anos a Copa do Mundo de Futebol atrai milhares de fãs para o país-sede, impactando diretamente em setores-chave da economia. O período da realização dos jogos da Copa do Mundo de Futebol é comprovadamente o momento em que um determinado país recebe o maior número de turistas em um único mês.

Levantar a taça de campeão do mundo é almejado por todos os países que têm o futebol como uma das modalidades esportivas praticadas no país, contudo, para o país organizador, a importância do torneio vai muito além deste quesito. Os investimentos realizados nos anos antecedentes ao evento, para que a imagem mostrada ao mundo seja a melhor possível, são enormes. E as oportunidades de o país se desenvolver econômico e socialmente nos anos subsequentes é ainda maior. Setores ligados principalmente ao turismo, à hotelaria, à construção civil, aos serviços de informação, aos alimentos e bebidas, e outros, vêm neste evento a oportunidade de obter um crescimento em escala exponencial, tanto antes como depois de sua realização. Já é possível observar um crescimento nesses setores no momento em que o país é escolhido como sede, sete anos antes dos jogos em si. Não obstante, a nível mundial, a visibilidade de realizar um torneio desta magnitude, onde centenas de emissoras de televisão e outros tipos de mídia (jornais, rádios, internet) transmitirão não somente os jogos, mas também a emoção, a cultura, as cidades hospedeiras, os costumes e tudo o que tange o país-sede para milhões de pessoas é quase imensurável. É uma oportunidade única de divulgar a imagem do país de modo a colocá-lo como apto a receber todos os povos do globo, equiparando-se com as grandes potências turísticas.

Com relação às Olimpíadas, o maior evento esportivo do mundo no que diz respeito à diversidade, englobando centenas de esportes individuais ou coletivos, as oportunidades, embora em um patamar mais local (os jogos são realizados em apenas uma cidade do país-sede), são motivadoras tanto para a iniciativa privada quanto para o poder público.

A realização desses dois megaeventos carrega não somente oportunidades de crescimento, mas também uma responsabilidade enorme. Por mais que o país-sede já esteja sob o *status* de “desenvolvido”, há muitas ações a serem executadas para que tudo corra bem, desde aspectos que vão de melhorias de infra-estrutura, até capacidade de receber um público vasto e diversificado, de religiões, costumes e hábitos muitas vezes conflitantes, passando pelo campo da segurança.

Para a população do país que recebe estes tipos de evento, o salto na qualidade de vida é enorme, a começar pelos padrões e notas mínimas a serem atingidas por um país candidato a sediar tais eventos. Afinal, a candidatura é um processo estrutural que demora um período para acontecer. Não é de um dia para o outro que um país decide de candidatar e se expor de forma concreta. Após atingir e cumprir os pré-requisitos mínimos, e posteriormente ser votado como país-sede, este precisa “correr” com seus projetos de melhorias urbanas para que, voltando ao tema “visibilidade internacional”, tudo ocorra em sintonia com o esperado. Aumento e revisão dos meios de transporte público, melhoria das vias de tráfego, aumento da segurança pública, incentivo às competições esportivas, melhorias na iluminação pública, limpeza urbana e outros, são aspectos que precisam ser revistos, e os projetos pertinentes a eles, aprovados.

O Brasil foi eleito país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, e o Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Será a primeira vez que um país da América do Sul hospedará os Jogos Olímpicos, um grande salto para os países em desenvolvimento, e a segunda vez que hospeda a Copa do Mundo de Futebol (a primeira foi no fatídico ano de 1950).

Neste projeto final de monografia serão abordados os principais impactos socioeconômicos da eleição do Brasil como país-sede desses eventos. A história das maiores competições esportiva do mundo, com números e informações pertinentes, um panorama de como se encontra a economia brasileira no presente momento, através de uma coleta de dados, e as expectativas que estão por vir para o país, serão analisadas. Adicionalmente, serão levantados os setores onde haverá os maiores aportes de investimentos, bem como quais áreas serão impactadas direta e indiretamente na nova década que se aproxima.

1.1 – OBJETIVOS

1.1.1 – Objetivo Geral

O intuito geral deste trabalho é dissertar acerca da economia e da sociedade brasileira, no que tange a iminência de o país ser sede dos dois maiores eventos esportivos do mundo, e suas conseqüências.

1.1.2 – Objetivo Específico

O principal objetivo deste trabalho é analisar os impactos que os dois megaeventos trarão para a sociedade e para a economia brasileira, os setores que sofrerão maiores mudanças e as oportunidades que se criarão antes, durante, e depois de suas realizações.

1.2 – DELIMITAÇÕES DO ESTUDO

O presente estudo delimitará as diversas oportunidades que o Brasil encontrará ao sediar a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, assim como os muitos investimentos que receberá. Foi abordada uma breve história de ambos os eventos, passando por exemplos de países-sede, e, mais a fundo, analisou-se a importância deles para ambas atual e futura conjunturas do Brasil, através de projeções e estimativas de diversos setores da economia.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

2.1.1 – Introdução

“Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A FIFA tem 207 membros. Nós temos 191. (...)”
Trecho retirado de artigo escrito por Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU, para a Folha de São Paulo, em 09 de junho de 2006.

O parágrafo anterior resume a ideia do fenômeno que é a Copa do Mundo: o trecho destacado compara a FIFA (Federação Internacional de Futebol) às Organizações das Nações Unidas, órgão mundial cujo objetivo principal é o de mediar as relações internacionais, tendo a paz como meta. Ora, a ONU, o órgão mais importante da comunidade internacional tem menos membros do que a FIFA: esse é um dado alarmante. Isso faz com que tomemos consciência de que não temos consciência real do significado deste torneio.

Historicamente, a Copa do Mundo surgiu como fruto do antigo Torneio Olímpico de Futebol em 1924, na França, organizado pela FIFA. O sucesso do evento foi tão grande que se pensou em eleger o melhor time internacional de futebol a cada quatro anos, independente dos Jogos Olímpicos. A primeira Copa aconteceu em 1930, no Uruguai. A escolha pelo país se deveu em virtude de o Uruguai ser considerado o melhor time na época, por ter vencido o Torneio Olímpico duas vezes consecutivas. A primeira Copa do Mundo ainda havia sido organizada nos mesmos moldes dos Jogos Olímpicos, em que apenas uma cidade oferecia as instalações esportivas. A partir da segunda edição, em 1934, tornou-se regra distribuir os jogos pelo país que sedia o evento.

Um estudo do jornalista Orlando Duarte apresenta o aumento da popularidade da Copa do Mundo desde 1930 até o evento de 2002. Os dados variam de 434.500 pessoas no evento inicial, atingindo, em 2002, 2,5 bilhões de espectadores. É preciso lembrar que em 1930 não existia televisão e havia muitas limitações nos meios de comunicação, fato inimaginável nos dias de

hoje. Essa visibilidade mundial que a Copa do Mundo possui, faz dela um grande evento comercial. Isso significa que a FIFA construiu um negócio bilionário, vendendo a sua marca e seus direitos televisivos, ao oferecer às empresas globais a maior oportunidade publicitária do mundo.

Outra coisa importante para pensar é que não é apenas de futebol que vive a Copa do Mundo: economia e política também fazem parte do pacote. A escolha do país-sede do evento ocorre a partir de acordo entre investidores privados e instituições governamentais, a partir de interesses políticos e econômicos comuns. Além disso, a tensão da realização do megaevento é tão grande que a FIFA tem recorrido a coberturas financeiras contra possíveis cancelamentos de Copa do Mundo. Um exemplo que ficou bastante famoso foi o da Copa de 2002, ocorrida no Japão e na Coreia do Sul, em que a FIFA se assegurou contra cancelamentos decorrentes de terremotos ou de instabilidade política.

Isso porque os interesses envolvidos num evento do nível da Copa do Mundo de Futebol são muito maiores do que o simples amor pelo esporte. Mas é claro que isso acontece por parte de quem organiza. O lado de quem torce não tem economia e não tem política: o espectador quer ver o seu país vencer. E de preferência, com futebol bonito. É só quando vemos um país inteiro parar para ver um jogo de futebol na televisão que conseguimos compreender as palavras de Kofi Annan.

2.1.2 – A primeira Copa do Mundo de Futebol

A Copa do Mundo, mais importante torneio do futebol masculino realizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação) a cada quatro anos, foi oficialmente realizada em 1930. Em virtude do centenário da independência do Uruguai ocorrer no mesmo ano, o país foi escolhido como sede da competição.

A Copa de 1930 surgiu a partir do sonho do presidente da FIFA, Jules Rimet, de realizar um torneio de futebol que reunisse várias seleções do mundo. Muitas seleções européias desistiram, uma vez que viagens transatlânticas eram longas e caras; apenas Bélgica, França, Romênia e Iugoslávia acabaram viajando. As seleções participantes da primeira Copa do Mundo foram: Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru, Romênia e Uruguai.

Todos os estádios utilizados na Copa ficavam localizados em Montevidéu; o Estádio Centenário, com capacidade para 100.000 pessoas foi construído especialmente para o evento.



Estádio Centenário, inaugurado em 18 de Julho de 1930, sediou 10 jogos da Copa de 30 e quatro Copas América (1942, 1956, 1967 e 1995).

Os times participantes foram divididos em quatro grupos; o Brasil ficou no Grupo 2, juntamente com Bolívia e Iugoslávia. Uma semifinal foi disputada entre Argentina e EUA, com vitória dos argentinos de 6 a 1. A outra, disputada entre o Uruguai e Iugoslávia, foi vencida pelos anfitriões com o mesmo placar.

A final, entre Uruguai e Argentina, foi marcada por um fato inusitado: ocorreu uma discordância em relação à bola que seria usada na partida, assim, a FIFA estabeleceu que seria usada a bola argentina no primeiro tempo e a uruguaia no segundo. O que ocorreu é que os uruguaios, perdendo por 2 a 1 no primeiro tempo, viraram o jogo e venceram por 4 a 2. No Uruguai foi declarado feriado nacional, em Buenos Aires os argentinos apedrejaram o consulado uruguaio.

2.1.3 – A escolha do país-sede e a evolução do torneio

Para sediar uma Copa o país interessado deve se candidatar ao cargo. Atualmente os 24 membros do Comitê Executivo da FIFA analisarão as condições (infra-estrutura, estádios, segurança, turismo, etc.) para avaliar se o país tem condições de sediar o evento.

Os países candidatos com condições de sediar a Copa do Mundo participam da eleição que escolherá a sede da Copa do Mundo em voto secreto. Se um país candidato obtiver mais de 12 votos a votação é encerrada. Caso contrário, o país com menos votos é eliminado. Este processo se repete até sobraem dois candidatos. Em caso de empate o voto de Minerva é dado pelo presidente da FIFA.

As escolhas sempre foram motivos de discussão. Existem alguns fatores para a escolha da sede da Copa. Alguns são políticos. Com o sucesso do evento os governantes vislumbraram a propaganda de seu regime e seu país neste evento. Com o resultado da expansão militar e das Olimpíadas de 1936 a Alemanha não teve sequer um voto para sediar a Copa do Mundo de 1938. Mussolini fez de tudo para sediar a Copa de 1934 e ganhar a Copa seguinte na França. A questão política é essencial para entender porque a Europa e as Américas são as sedes de 90% de todas as Copas do Mundo (de 1930 a 2010). Somente em 2002 com a Copa do Mundo da Coreia do Sul e Japão o Mundial deixou de ser realizado no eixo Europa-Américas. Para as próximas décadas são fortes candidatos a Austrália, China e Índia. Além das tradicionais equipes de ponta do futebol mundial (Inglaterra, Itália, Brasil, Argentina, etc.).

A escolha da sede é realizada agora seis anos antes do Mundial. Este tempo é necessário para que o país-sede possa se preparar com a reforma e construção de novos estádios, aeroportos, hotéis e etc. Nem sempre foi assim. A sede da primeira Copa foi escolhida apenas um ano antes do evento e com a desistência da Colômbia o México teve apenas três anos para preparar a Copa de 1986. Em 1966 com o grande acordo realizado entre os competidores a Espanha pode se preparar 16 anos para sediar o Mundial, tempo recorde de preparação.

Em 28 de maio de 1928 foi decidida no 17º Congresso da FIFA a realização da primeira Copa do Mundo. O congresso foi realizado em Amsterdã, Holanda, e aprovou a criação do Campeonato Mundial de quatro em quatro anos. Foram 25 votos a favor e cinco contra. Neste mesmo congresso foi eleito o Uruguai a primeira sede, após a desistência de outros países.

Na década de 1990 a FIFA decidiu ampliar entre os continentes as sedes. Desde 1958 as Copas eram alternadas entre as Américas e a Europa. A Europa sediou as Copas de 1958, 1966, 1974, 1982, 1990 e 2006. As Américas sediaram 1962, 1970, 1978, 1986, 1994. Devido a desorganização do continente sul-americano a última copa realizada no subcontinente foi na Argentina em 1978. As seleções da América do Sul venceram nove Copas do Mundo (cinco com o Brasil, duas com a Argentina e duas com o Uruguai), mas sediaram apenas cinco vezes, e a última a mais de 26 anos. Se for confirmada a Copa na América do Sul em 2014 serão 36 anos sem um Mundial no continente. A Europa venceu oito Copas (três da Alemanha Ocidental, três da Itália e uma conquista para a França e Inglaterra). Mesmo assim os europeus sediaram 10 Copas do Mundo. Esta desproporção está na organização e infra-estrutura dos países europeus em relação aos da América do Sul.

Um exemplo é a Copa de 1986. A Colômbia desistiu de sediar o mundial alegando problemas financeiros oito anos depois de ser escolhida para sediar a Copa do Mundo. O resultado é que havia pouco tempo para preparar um país para o Mundial. O Brasil desistiu de sediar a competição e como o México já havia sediado a Copa de 1970 foi a escolha de última hora. Pela primeira vez um país seria novamente a sede do torneio. O que aconteceu na Itália em 1990 e França em 1998, mas não por desorganização, política ou problemas financeiros.

Os europeus sempre desconfiaram da falta de organização da América do Sul. Em 1938 o congresso da FIFA decidiu fazer uma Copa novamente na Europa, contrariando um acordo com os sul-americanos de fazer um revezamento. A Argentina era a candidata natural, a equipe foi vice-campeã em 1930 e era o país em ascensão no continente. Entretanto, os franceses ganharam o direito de sediar a segunda Copa consecutiva na Europa. Fato que revoltou os sul-americanos e resultou no boicote à Copa da França. Na Copa de 1938 apenas Brasil e Cuba representaram as Américas.

A Segunda Guerra Mundial foi responsável pelo cancelamento das Copas de 1942 e 1946. Para a Copa de 1942, Alemanha e Brasil eram os países candidatos. Não era segredo que o Führer queria repetir a propaganda dos Jogos Olímpicos de 1936 e tornar sua equipe campeã como fez Mussolini em 1934 e 1938.

Depois da Segunda Guerra a FIFA optou como sedes países que não se envolveram diretamente no conflito ou não foram palco da guerra. A Copa no Brasil seria em 1949, mas no dia seguinte decidiu-se manter a tradição e as Copas do Brasil e da Suíça ocorreram em 1950 e

1954, mantendo a periodicidade como se as Copas da década de 1940 tivessem sido realizadas. Neste mesmo dia foi escolhida a Suíça como sede para 1954. No pós-guerra o Brasil foi escolhido como uma opção de país que não foi afetado pelo conflito. Na Copa seguinte foi escolhida a Suíça, apesar de ser um país europeu foi neutra durante o conflito que arrasou a Europa. A escolha da Suécia em 1958 teve o mesmo procedimento. Assim como o Chile em 1962. A Copa voltaria ao teatro de Guerra apenas em 1966, na Inglaterra. Mais de 20 anos após o conflito. Ironicamente com um final entre dois países rivais, Alemanha e Inglaterra.

Na década de 60 apenas três países europeus se candidataram para sediar as Copas seguintes. Inglaterra (1966), Alemanha Ocidental (1974) e Espanha (1982) acabaram por sediar os eventos, de acordo com o revezamento entre a Europa e as Américas. Em 1966 foram escolhidas em Londres três sedes de uma só vez. Alemanha Ocidental e Espanha disputavam o direito de sediar a Copa de 1974. Um acordo foi feito para que a Espanha se retirasse da disputa. Com isso a Alemanha Ocidental sediaria a Copa de 1974 e a Espanha sediaria a Copa de 1982. No mesmo dia foi decidido que a Argentina sediaria a Copa de 1978, já que dois anos antes perdeu a disputa para os mexicanos para sediar o evento de 1970.

Em 1984 foi decidida a sede da Copa de 1990. Por pouco a União Soviética não sediaria o evento. Em 1990 a URSS estava à beira da desintegração e poderia ser a sede do evento esportivo mais visto do mundo.

Os Estados Unidos foram escolhidos para sediar a Copa de 1994, mesmo sem ser um país com tradição no futebol. Apesar da investida do futebol na década de 1970 com a contratação de Pelé e Beckenbauer, o futebol era menos popular do que o basquete, hóquei, futebol americano e baseball. Entretanto, os EUA organizaram um Mundial com a melhor média de público de todas as Copas. O esporte se popularizou principalmente entre as mulheres e o país está entre os 10 primeiros no ranking da FIFA e venceu duas das quatro Copas do Mundo de Futebol Feminino.

A França foi a escolhida para sediar a Copa de 1998 derrotando Marrocos na escolha. Marrocos é candidato permanente a sediar a Copa do Mundo desde 1994.

Em 2002, a Copa do Mundo sediada na Ásia foi a primeira no continente e também a primeira a ser sediada em conjunto por dois países. Em 31 de maio de 1996 a escolha da sede foi realizada em Zurique entre dois fortes adversários. Coreia do Sul, Japão e México eram os candidatos. O México, país mais pobre e tendo realizado duas Copas recentes (1970 e 1986) era o grande azarão.

Desde 1958 a Copa era sediada alternadamente entre a Europa e as Américas. Entretanto, o interesse pelo futebol na Ásia era fator fundamental para consolidar o esporte. Como os dois países tinham estrutura e capital para a Copa, mas ambos não tinham retrospectos de suas seleções a FIFA optou pela aclamação diplomática de dividir a competição em duas sedes. Antes de a votação começar os dois concorrentes se uniram para ter o evento, apesar da rivalidade histórica entre a Coreia e o Japão.

A escolha para a sede da Copa de 2006 foi uma das mais disputadas e controversas eleições de sedes. O Brasil desistiu apenas três dias antes da eleição. Na verdade, o país foi aconselhado a se retirar devido a falta de infra-estrutura, falta de segurança e estádios defasados. Esta foi a primeira eleição com mais de um turno. A cada turno saíria o mais votado até o concorrente chegar a maioria dos votos. Depois de Marrocos e Inglaterra perderem a eleição a África do Sul era a favorita na última eleição contra a Alemanha. Entretanto, a Nova Zelândia que votaria no país africano se absteve da final. Em caso de empate o voto de minerva seria dado pelo presidente da FIFA Joseph Blatter, inclinado a votar na candidatura da África do Sul. Com este resultado e denúncias de compra de votos a FIFA decidiu iniciar a rotatividade entre as sedes das Copas do Mundo. O caminho estava livre para a África do Sul sediar a Copa de 2010.

A votação para a primeira Copa do Mundo na África foi o resultado natural da perda da África do Sul da sede da Copa anterior. Este foi o maior evento esportivo no continente africano que até então não havia sediado nenhuma Copa do Mundo nem Olimpíadas. Em 15 de maio de 2004 foi decidido em Zurique que a África do Sul seria a sede da Copa de 2010. Líbia e Tunísia desistiram da competição.

No dia 30 de outubro de 2007 a FIFA oficializou a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Candidato único da América do Sul, que recebeu apoio da Conmebol (Confederação Sul-americana de Futebol) para a realização do evento. Chile e Argentina também teriam feito uma proposta para sediar o Mundial em conjunto. A Colômbia retirou a sua candidatura.

Mesmo com a escolha oficial, se o Brasil não realizar todos os procedimentos exigidos, a FIFA pode mudar a sede da Copa do Mundo até meados de 2012. Se as questões de segurança e infra-estrutura forem sanadas, o sonho de realização da Copa do Mundo no país com mais títulos mundiais será concretizado após 64 anos.

Em 2010 foi decidido que o país-sede da Copa do Mundo de 2018 será a Rússia, que derrotou, entre outros adversários, a favoritíssima Inglaterra, que sediará os Jogos Olímpicos de 2012.

O sistema de revezamento entre continentes para sediar a Copa do Mundo foi oficialmente sepultado pela FIFA, após a candidatura única da América do Sul para a Copa do Mundo de 2014.

Países-sede da Copa do Mundo de Futebol (1930-2014):

2 vezes:

- **Brasil - 1950 e 2014**
- Alemanha - 1974 e 2006
- França - 1938 e 1998
- Itália - 1934 e 1990
- México - 1970 e 1986

1 vez:

- Uruguai - 1930
- Suíça - 1954
- Suécia - 1958
- Chile - 1962
- Inglaterra - 1966
- Argentina - 1978
- Espanha - 1982
- Estados Unidos - 1994
- Coreia do Sul - 2002*
- Japão - 2002*
- África do Sul – 2010

* Sede dividida entre os dois países.

2.1.4 – A cobertura dos meios de comunicação

Até a Copa do Mundo de 1950, os jogos eram, no máximo, acompanhados via rádio pelos torcedores. A primeira Copa do Mundo a ser televisionada foi a edição de 1954, a apenas para oito países europeus. Os meios de comunicação vêm evoluindo bastante a cada ano e conseqüente, a quantidade e qualidade da transmissão da competição vem crescendo cada vez mais. Hoje, a Copa do Mundo de Futebol é o evento esportivo mais assistido do mundo, seguido pelos Jogos Olímpicos. A audiência da Copa do Mundo de 2002 foi estimada em 2,8 bilhões de telespectadores, sendo que 1,1 bilhão assistiu à partida final entre Brasil e Alemanha. Os números são tão expressivos que apenas o sorteio que decidiu a distribuição das seleções nos grupos foi acompanhada por mais de 300 milhões de pessoas. A Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, contou com mais de 30 câmeras apenas dentro dos estádios.

2.1.4.1 – A cobertura no Brasil

No Brasil, a Rede Globo e a Rede Bandeirantes são detentoras exclusivas dos direitos da Copa do Mundo de 2014. Na TV por assinatura, as suas subsidiárias Sportv e BandSports também tem a exclusividade do torneio nestas edições, além da ESPN Brasil. Outras emissoras da TV aberta que também tinham os direitos de transmissão do evento foram a Rede Record (1970 - 1978, 1986 e 1998), o SBT (1986 - 1998), a Rede Manchete (1986, 1990 e 1998) e a TV Cultura (1974 - 1982).

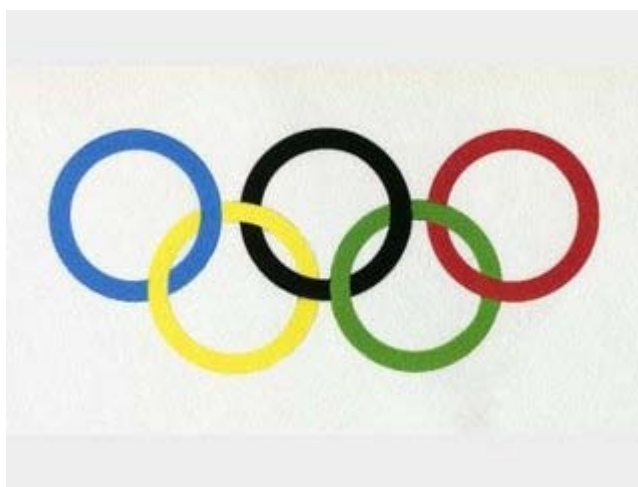
A primeira Copa do Mundo transmitida pela TV foi a de 1954, porém as imagens eram em preto e branco e as partidas eram somente transmitidas por questões de logística para a Europa. A cobertura do evento para o Brasil foi feita por meio do rádio nas Copas do Mundo FIFA de 1954, 1958, 1962 e 1966, porém, já havia disponibilidade de filmes (1958) e "videotapes" (1962) na TV.

A primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela televisão para o Brasil foi a de 1970, em preto e branco. Somente em 1974 com o advento da tecnologia houve a possibilidade da transmissão ao vivo em cores.

2.2 – OS JOGOS OLÍMPICOS

2.2.1 – Introdução

A cada quatro anos, atletas de centenas de países se reúnem num país-sede para disputarem um conjunto de modalidades esportivas. A própria bandeira olímpica representa essa união de povos e raças, pois é formada por cinco anéis entrelaçados, representando os cinco continentes e suas cores. A paz, a amizade e o bom relacionamento entre os povos são os princípios dos jogos olímpicos.



Os arcos olímpicos foram uma idéia do francês Pierre de Fredi, o Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), em 1913.

Desde sua criação, há mais de 2.700 a.C, os Jogos Olímpicos assumiram um papel fundamental na vida dos gregos. Para se ter uma idéia, as competições eram capazes de interromper as guerras entre as cidades, num ritual conhecido por “trégua sagrada”. Posteriormente, após a tentativa do francês Barão de Coubertin em reviver o espírito das primeiras competições, os Jogos Olímpicos passaram a ser um evento globalizado e de grande importância em todo o mundo. Um exemplo disso é sua própria bandeira, que representa a união dos cinco continentes.

Quando foram celebrados os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, se pretendia apenas realizar um evento que reunisse algumas centenas de pessoas que praticavam o esporte como atividade de tempo. Mal sabia o Barão de Coubertin que a competição iria se transformar

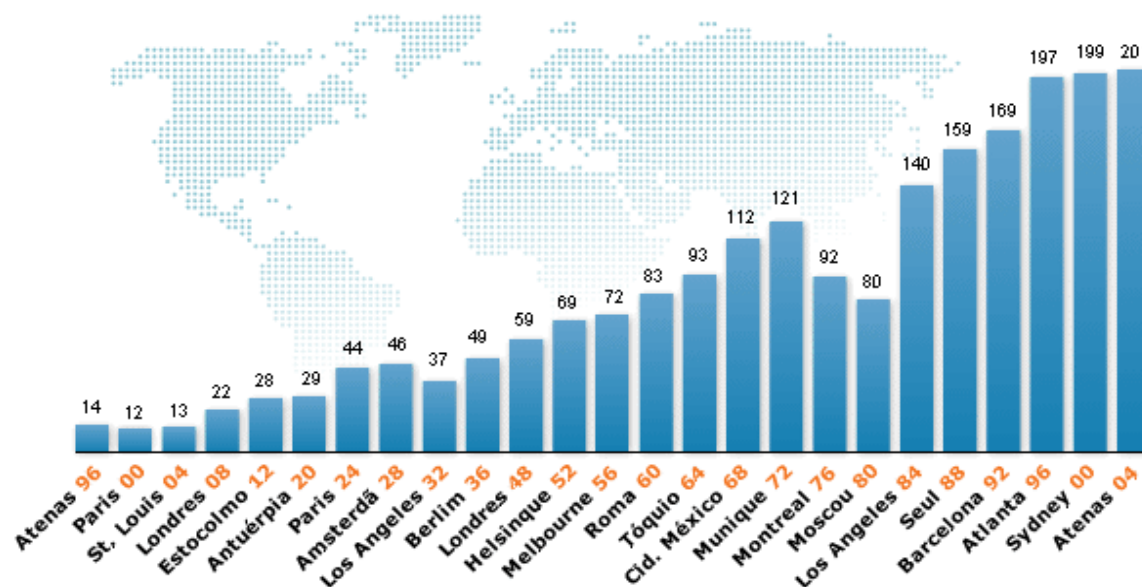
em um dos principais eventos culturais do planeta, ultrapassando, sem dúvida, os limites do esporte.

A notoriedade dos Jogos Olímpicos, criada tanto pelo seu caráter simbólico quanto pela sua dimensão material, fez com que o evento se transformasse em palco de diversas manifestações políticas ao longo do século XX. Alguns exemplos: Nas Olimpíadas de Berlim em 1936, Adolf Hitler se recusou a reconhecer as vitórias do atleta norte-americano negro Jesse Owens; nas Olimpíadas de Munique (1972), um atentado de um grupo terrorista palestino matou 11 atletas de Israel; os Estados Unidos se recusaram a participar dos Jogos de Moscou (1980), e a URSS, das Olimpíadas de Los Angeles (1984), em um claro contexto da Guerra Fria.

Os Jogos Olímpicos podem proporcionar um significativo avanço econômico para a cidade e o país-sede do evento. Embora o fato de se candidatar ao megaevento exija uma série de responsabilidades, principalmente em relação à infra-estrutura das cidades-candidatas, os benefícios econômicos gerados pelos jogos são bem maiores do que os próprios investimentos para sua realização.

A projeção da cidade e do país-sede do evento é tamanha, que é capaz de provocar profundas e permanentes mudanças socioeconômicas positivas. A atração de turistas de diversas partes do mundo faz com que melhorias estruturais permanentes sejam feitas, como rede de transporte, moradia e instalações esportivas. Sem contar nos inúmeros novos postos de trabalho que são gerados direta ou indiretamente através do evento.

Evolução do número de países participantes por Olimpíada:



2.2.2 – A escolha da cidade-sede

Ser escolhida como sede de um evento de tamanha importância como os Jogos Olímpicos é uma enorme oportunidade para uma cidade. Os benefícios, tanto econômicos quanto sociais de sediar uma Olimpíada são inúmeros. Logicamente, muitas cidades querem sediar eventos desse porte, nesse sentido, é necessário que o COI (Comitê Olímpico Internacional) avalie as propostas de todas as candidatas, para assim, poder decidir qual delas é a melhor e mais adequada.

A cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos é escolhida normalmente sete anos antes da sua celebração. O processo de seleção é realizado em duas fases que abrangem um período de dois anos. O potencial da cidade anfitriã é aferido pelo Comitê Olímpico do país e, se mais de uma cidade do mesmo país apresenta uma proposta para o CON, normalmente, o Comitê Nacional realiza uma seleção interna, já que apenas uma cidade por CON pode ser apresentada ao Comitê Olímpico Internacional para apreciação. Uma vez que o prazo para apresentação de propostas pelos CONs é esgotado, a primeira fase começa com as cidades pré-candidatas respondendo um questionário sobre diversos critérios-chave relacionados com a organização dos Jogos Olímpicos. Dessa forma, os candidatos devem dar garantias de que irão respeitar a Carta Olímpica e com outros regulamentos estabelecidos pelo Comitê Executivo do COI. A avaliação dos questionários preenchidos por um grupo especializado fornece ao COI uma visão geral do projeto de cada candidato e seu potencial de sediar os Jogos. Com base nesta avaliação técnica, a Câmara Executiva do COI escolhe as cidades que vão para a fase de candidatura.

Uma vez que as cidades candidatas são selecionadas, devem apresentar ao COI a maior e mais detalhada apresentação do projeto como parte de um arquivo de candidatura. Cada cidade é cuidadosamente analisada por uma comissão de avaliação. Esta comissão irá visitar as cidades candidatas entrevistando funcionários e inspecionando potenciais locais de competição, e apresenta um relatório sobre a apreciação um mês antes da decisão final do COI. Durante o processo de entrevista a cidade candidata deve garantir também que será capaz de financiar os Jogos. Após os trabalhos da comissão de avaliação, uma lista de candidatos é apresentada na Sessão Geral do COI, que é montada em um país que não deve ter uma cidade candidata na disputa. Os membros do COI reunidos em sessão fazem a votação final para a escolha da cidade anfitriã. Uma vez eleito, o comitê de candidatura da cidade campeã (em conjunto com o CON do respectivo país), assina um contrato de cidade anfitriã com o COI, oficialmente tornando-se uma cidade-sede das Olimpíadas e um país-sede.

Até 2016, os Jogos Olímpicos terão sido disputados em 44 cidades em 23 países, mas por cidades fora da Europa e América do Norte em apenas oito ocasiões. Desde os Jogos Olímpicos de Seul, Coréia do Sul, os jogos foram realizados na Ásia ou na Oceania quatro vezes, um forte aumento em relação aos anteriores 92 anos de história olímpica moderna. Os Jogos de 2016 no Rio de Janeiro serão os primeiros em um país sul-americano. Nenhuma candidatura de países da África se sucedeu. Os países que enviaram a maioria dos atletas para as Olimpíadas de 2008 foram a China com 639, Estados Unidos, com 596, e a Rússia que levou 455 atletas.

Os Estados Unidos já sediaram quatro olimpíadas, mais que qualquer outra nação. O Reino Unido foi o anfitrião de dois jogos, e sediará a terceira Olimpíada, em 2012, em Londres, tornando Londres a única cidade a sediar por três vezes. Alemanha, Austrália, França, Grécia sediaram os Jogos Olímpicos por duas vezes.

2.2.3 – Comercialização

O COI inicialmente resistiu ao financiamento de patrocinadores. Não foi até a aposentadoria do presidente do COI, Avery Brundage, em 1972, que o COI começou a explorar o potencial da mídia televisiva e os mercados de publicidade lucrativa à sua disposição. Sob a liderança de Juan Antonio Samaranch, os jogos começaram a mudar em direção aos patrocinadores internacionais, que procuraram vincular seus produtos com a marca olímpica; o então dirigente maior do esporte olímpico declarou que *"Os esportes que não se adaptarem à televisão estarão fadados ao desaparecimento; da mesma forma, as televisões que não souberem buscar o acesso aos programas esportivos jamais conseguirão sucesso financeiro e de público."*

2.2.3.1 – Orçamento

Durante a primeira metade do século XX, o COI foi conduzido com um orçamento pequeno. Como presidente do COI de 1952-1972, Avery Brundage, rejeitou todas as tentativas de vincular os Jogos Olímpicos com interesse comercial. Brundage acreditava que o lobby dos interesses corporativos indevidamente impactaria as decisões do COI. A resistência de Brundage a este fluxo de receita significava que o COI deixava os próprios comitês organizarem e negociarem seus contratos de patrocínio e utilizarem os símbolos olímpicos. Quando Brundage aposentou-se do COI, haviam US\$ 2 milhões em ativos; oito anos mais tarde os cofres do COI havia aumentado para 45 milhões de dólares. Isto se deveu principalmente a uma mudança de

ideologia para a expansão dos jogos através do patrocínio de empresas e a venda dos direitos televisivos. Quando Juan Antonio Samaranch foi eleito presidente do COI, em 1980, seu desejo era fazer com que o COI fosse financeiramente independente.

Os Jogos Olímpicos de 1984 tornaram-se um divisor de águas na história olímpica. A comissão organizadora sediada em Los Angeles, conduzida por Peter Ueberroth, foi capaz de gerar um excedente de US\$ 250 milhões, que foi uma quantidade sem precedentes na época. A comissão organizadora tinha sido capaz de criar esse excedente, em parte, pela venda de direitos de patrocínio exclusivo para selecionar as empresas. O COI tentou obter o controle desses direitos de patrocínio. Samaranch ajudou a estabelecer The Olympic Program (TOP), em 1985, a fim de criar uma marca olímpica. A participação no TOP era, e é, muito exclusiva e cara. Taxas ao custo US\$ 50 milhões para uma adesão de quatro anos. Membros do TOP receberam direitos exclusivos de publicidade global para a sua categoria de produtos, e a utilização do símbolo olímpico, os anéis entrelaçados, nas suas publicações e anúncios.

Lucro/Prejuízo dos últimos Jogos Olímpicos (1984 – 2008):

Ano de realização	Cidade-sede	Lucro / Prejuízo
1984	Los Angeles (EUA)	Lucro de \$250 milhões
1988	Seoul (Coréia do Sul)	Lucro de \$300 milhões
1992	Barcelona (Espanha)	Lucro de \$5 milhões
1996	Atlanta (EUA)	Lucro de \$10 milhões
2000	Sidney (austrália)	Lucro de \$1 bilhão
2004	Atenas (Grécia)	Prejuízo (valor não divulgado)
2008	Pequim (China)	Lucro (valor não divulgado)

2.2.3.2 – Os efeitos da televisão

Os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim foram os primeiros jogos a serem transmitidos na televisão, mas apenas para o público local. Os Jogos Olímpicos de Inverno de 1956 foram os primeiros televisionados a nível internacional dos Jogos Olímpicos, e os seguintes Jogos de Inverno tinham vendidos os direitos de transmissão pela primeira vez para as redes de transmissão especializadas — CBS pagou US\$ 394 mil pelos direitos norte-americanos, e da European Broadcasting Union (EBU) foram atribuídos US\$ 660 mil. Nas décadas seguintes, os Jogos Olímpicos se tornaram uma das frentes ideológicas da Guerra Fria. Superpotências disputavam a supremacia política, e o COI queria aproveitar este aumento no interesse através de

um meio de transmissão. A venda dos direitos de transmissão permitiu ao COI aumentar a exposição dos Jogos Olímpicos, gerando assim mais interesse, que por sua vez criou mais atrativos para os anunciantes que compraram espaço publicitário na televisão. Este ciclo permitiu ao COI cobrar uma taxa cada vez maior por esses direitos. Por exemplo, a CBS pagou US\$ 375 milhões pelos direitos dos Jogos de Nagano, enquanto a NBC gastou US\$ 3,5 bilhões pelos direitos de transmissão de todos os Jogos Olímpicos de 2000 - 2008.

A audiência cresceu exponencialmente desde a década de 1960 até o final do século. Isto foi devido ao uso de satélites para transmissão de televisão ao vivo em todo o mundo em 1964, e a introdução da televisão a cores em 1968. Estimativas de audiência global para os Jogos da Cidade do México em 1968 foram de 600 milhões, enquanto nos Jogos de Los Angeles, em 1984, o número de espectadores aumentou para 900 milhões; esse número aumentou para 3,5 bilhões em 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona.

No entanto, nos Jogos de Sydney, a NBC registrou a menor audiência das Olimpíadas desde 1968. Isto foi atribuído a dois fatores: o aumento da concorrência dos canais de tv a cabo e a segunda era da internet, que foi capaz de mostrar resultados e vídeo em tempo real. A queda nos índices significava que os estúdios de televisão teriam de dar tempo de publicidade gratuita. Com custos tão elevados cobrados para transmitir o Jogos, a pressão adicional da internet, e o aumento da concorrência a cabo, o lobby de televisão exigiu concessões do COI para aumentar sua audiência. O COI respondeu fazendo uma série de mudanças no programa olímpico. O resultado foi um aumento acentuado na audiência para as Olimpíadas de 2004 e, em especial, para a de 2008, realizada em Pequim.

2.3 – ECONOMIA BRASILEIRA

Considerada pelo FMI em 2008 a nona maior economia do mundo (décima segundo o Banco Mundial), com um produto interno bruto próximo de US\$ 2 trilhões, a economia brasileira possui um mercado livre e exportador, ficando atrás em tamanho apenas para os Estados Unidos em todo o continente Americano. Membro de diversas organizações econômicas como o MERCOSUL, G8+5 e G20, o Brasil possui mais de cem parceiros comerciais, sendo os membros do MERCOSUL, da América Latina, da União Européia, a Ásia e Estados Unidos como os principais.

Evolução do PIB 2002-2009, segundo dados do FMI:

REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	2,9	3,6	4,9	4,5	5,1	5,2	3,0	-0,8
Economias Avançadas	1,7	1,9	3,2	2,6	3,0	2,7	0,6	-3,4
Estados Unidos	1,8	2,5	3,6	3,1	2,7	2,1	0,4	-2,4
Zona do Euro	0,9	0,8	2,2	1,7	2,9	2,7	0,7	-4,1
Japão	0,3	1,4	2,7	1,9	2,0	2,3	-0,7	-5,0
Economias Emergentes	4,8	6,2	7,5	7,1	7,9	8,3	6,0	1,7
China	9,1	10,0	10,1	10,4	11,6	13,0	9,0	8,7
Índia	4,6	6,9	7,9	9,2	9,8	9,4	7,3	6,5
Rússia	4,7	7,3	7,2	6,4	7,7	8,1	5,6	-7,9
Brasil	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	5,7	5,1	-0,2
América Latina	0,6	2,2	6,0	4,7	5,7	5,7	4,2	-2,5

Esse crescimento se deve a um trabalho de longo prazo. Importantes passos dados desde a década de 1990 para a sustentabilidade fiscal, bem como as medidas tomadas para liberalizar e abrir a economia, impulsionaram significativamente os fundamentos do país em matéria de competitividade, proporcionando um melhor ambiente para o desenvolvimento do setor privado.

Além de toda essa evolução, o Brasil é ainda proprietário de um sofisticado setor tecnológico, onde se desenvolvem projetos que vão desde submarinos a aeronaves, e está envolvido na pesquisa espacial no qual o país possui um centro de lançamento de satélites e foi o único país do Hemisfério Sul a integrar a equipe responsável pela construção do Estado Espacial

Internacional, o EEI. O Brasil foi também o país pioneiro em muitos outros campos econômicos, incluindo o de produção de etanol.

Além disso, o Brasil, juntamente com o México, tem o estado na vanguarda do fenômeno das multinacionais latino-americanas, que, graças à tecnologia superior e organização, tem virado sucesso mundial. Essas multinacionais têm feito essa transição, investindo maciçamente no exterior, na região e fora dela, e assim realizando uma parcela crescente de suas receitas a nível internacional.

O Brasil também é pioneiro nos campos da pesquisa de petróleo em águas profundas, de onde 73% de suas reservas são extraídas. De acordo com estatísticas do governo, o Brasil foi o primeiro país capitalista a reunir as dez maiores empresas montadoras de automóvel em seu território nacional.

Com uma população atual estimada em 190 milhões e recursos naturais abundantes, o Brasil é um dos dez maiores mercados do mundo, produzindo dezenas de milhões de toneladas de aço, 26 milhões de toneladas de cimento, 3,5 milhões de aparelhos de televisão e 3 milhões de geladeiras. Além disso, cerca de 70 milhões de metros cúbicos de petróleo estão sendo processados anualmente em combustíveis, lubrificantes, gás propano e uma ampla gama de mais de cem produtos petroquímicos. Por último, o Brasil tem pelo menos 161.500 quilômetros de estradas pavimentadas e mais de 63 megawatts de capacidade instalada de energia elétrica.

Seu PIB real per capita ultrapassou US\$ 8 mil em 2008, devido à forte e continuada valorização do real, pela primeira vez nesta década. Suas contas do setor industrial respondem por três quintos da produção industrial da economia latino-americana. O desenvolvimento científico e tecnológico do país é um atrativo para o investimento direto estrangeiro, que teve uma média de US\$ 30 bilhões por ano nos últimos anos, em comparação com apenas US\$ 2 bilhões/ano na década passada, evidenciando um crescimento notável. O setor agrícola, também tem sido notavelmente dinâmico: há duas décadas esse setor tem mantido Brasil entre os países com maior produtividade em áreas relacionadas ao setor rural. O setor agrícola e o setor de mineração também apoiaram superávits comerciais que permitiram ganhos cambiais maciços e pagamentos da dívida externa.

2.3.1 – Os principais setores da economia

O setor de serviços é o maior componente do PIB com 66,8%, seguido pelo setor industrial, 29,7% (2007 est). A agricultura representa 3,5% do PIB (2008 est). A força de trabalho brasileira é estimada em aproximadamente 101 milhões, dos quais 10% são ocupados na agricultura, 19% no setor da indústria e 71% no setor de serviços.

2.3.1.1 – Serviços

O setor de serviços tem hoje uma importante representação para a economia brasileira; seu crescimento é visto como uma promessa para o desenvolvimento do país. O setor representa atualmente quase 70% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e é o maior gerador de empregos formais do país. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), foi o setor que mais contratou no ano de 2009, com o total de 500 mil novos empregos. O setor de serviço gerou empregos acima da média puxado pelo comércio e administração de imóveis e serviços médicos e odontológicos. O crescimento dos serviços médicos e odontológicos, de 6,04%, foi o maior de toda a série histórica do Caged. Além disso, foi a atividade econômica que mais recebeu investimentos estrangeiros diretos em 2009: em torno de 45% das aplicações externas no setor produtivo.

Para o investidor estrangeiro são várias as opções de negócio no país, como o comércio de veículos, objetos pessoais e domésticos, combustíveis, alimentos, além das atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas.

A região Sudeste concentra a maioria das empresas e dos trabalhadores da área de comércio e serviços no Brasil, e por isso, lá está a maior parcela dos salários e remunerações do setor, com destaque para o estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Já os estados da Região Norte, como o Acre, Roraima, Amapá e Tocantins, são os que apresentam menor índice de mão de obra no setor.

2.3.1.2 – Agricultura e produção de alimentos

O desempenho da agricultura brasileira põe o agronegócio em uma posição de destaque em termos de saldo comercial do Brasil, apesar das barreiras comerciais e as políticas de subsídios adotadas pelos países desenvolvidos. Em 2010, a OMS aponta o país como o terceiro maior exportador agrícola do mundo, atrás apenas de Estados Unidos e União Europeia.

No espaço de cinquenta e cinco anos (1950 a 2005), a população do Brasil cresceu de 51 milhões para cerca de 187 milhões de habitantes, um aumento de mais de 2% ao ano. A fim de atender a essa demanda, foi necessário levar o desenvolvimento dos bovinos e atividades de sensibilização das culturas um passo além. Desde então, uma autêntica revolução verde teve lugar, permitindo que o país criasse e expandisse um setor do agronegócio complexo. No entanto, isso veio à custa do meio ambiente, incluindo a Amazônia.

A importância dada ao produtor rural tem lugar na forma do Plano da Agricultura e Pecuária e através de outro programa especial voltado para a agricultura familiar (Pronaf), que garantem o financiamento de equipamentos e de cultura e incentivam o uso de novas tecnologias, como mostrado pelo uso de zoneamento agrícola. Com relação à agricultura familiar, mais de 800 mil habitantes das zonas rurais são auxiliados pelo crédito, programas de pesquisa e extensão. A linha especial de crédito para as mulheres e jovens agricultores é uma inovação, vale a pena mencionar, fornecendo um incentivo para o espírito empreendedor.

Com o Programa de Reforma Agrária, por outro lado, o objetivo do país é dar vida e condições adequadas de trabalho para mais de um milhão de famílias que vivem em áreas distribuídas pelo Estado, uma iniciativa capaz de gerar dois milhões de empregos. Através de parcerias, políticas públicas e parcerias internacionais, o governo está trabalhando para garantir infraestrutura para os assentamentos, a exemplo de escolas e estabelecimentos de saúde. A idéia é que o acesso à terra represente apenas o primeiro passo para a implementação de um programa de reforma da qualidade da terra.

Mais de 600 000 km² de terras são divididas em cerca de cinco mil domínios da propriedade rural, uma área agrícola atualmente com três fronteiras: a região Centro-Oeste (cerrado), a região Norte (área de transição) e de partes da região Nordeste (semiárido). Na vanguarda das culturas de grãos, que produzem mais de 110 milhões de toneladas/ano, é a de soja, produzindo 50 milhões de toneladas.

Na pecuária bovina de sensibilização do setor, o "boi verde", que é criado em pastagens, em uma dieta de feno e sais minerais, conquistou mercados na Ásia, Europa e nas Américas, particularmente depois do período de susto causado pela "doença das vacas loucas". O Brasil possui o maior rebanho bovino do mundo, com 198 milhões de cabeças, responsável pelas exportações superando a marca de US\$ 1 bilhão/ano.

Pioneiro e líder na fabricação de celulose de madeira de fibra-curta, o Brasil também tem alcançado resultados positivos no setor de embalagens, em que é o quinto maior produtor mundial. No mercado externo, responde por 25% das exportações mundiais de açúcar bruto e açúcar refinado, é o líder mundial nas exportações de soja e é responsável por 80% do suco de laranja do planeta e, desde 2003, teve o maior número de vendas de carne de frango, entre os que lidam no setor.

2.3.1.3 – Indústria

O Brasil tem o segundo maior parque industrial nas Américas. Contabilizando mais de 25% do PIB do país, as diversas indústrias brasileiras variam de automóveis, aço e petroquímicos até computadores, aeronaves e bens de consumo duráveis. Com o aumento da estabilidade econômica fornecido pelo Plano Real, as empresas brasileiras e multinacionais têm investido pesadamente em novos equipamentos e tecnologia, uma grande parte dos quais foi comprado de empresas estadunidenses.

O Brasil possui também um diversificado e relativamente sofisticado setor de serviços. Durante a década de 1990, o setor bancário representou 16% do PIB. Apesar de sofrer uma grande reformulação, a indústria de serviços financeiros do Brasil oferece às empresas locais uma vasta gama de produtos e está atraindo inúmeros novos operadores, incluindo empresas financeiras estadunidenses. A Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo está passando por um processo de consolidação e o setor de resseguros, anteriormente monopolista, está sendo aberto a empresas de terceiros. Em 31 de Dezembro de 2007, havia cerca de 21.304.000 linhas de banda larga no Brasil. Mais de 75% das linhas de banda larga via DSL e 10% através de modem por cabo.

As reservas de recursos minerais são extensas. Grandes reservas de ferro e manganês são importantes fontes de matérias-primas industriais e receitas de exportação. Depósitos de níquel, estanho, cromita, urânio, bauxita, berílio, cobre, chumbo, tungstênio, zinco, ouro e outros

minerais são explorados. Alta qualidade de cozimento de carvão de grau exigido na indústria siderúrgica está em falta.

2.3.2 – Situação Econômica

2.3.2.1 – Crescimento Sustentável

No século XXI, o Brasil atingiu a posição de 8ª maior economia do mundo. Se no início, após ser descoberto por Portugal, a lista de exportações era basicamente de matérias-primas e bens primitivos, como o açúcar, borracha e ouro, hoje 84% das exportações é constituída de produtos manufaturados e semimanufaturados.

O período de grande transformação econômica e crescimento ocorreu entre 1875 e 1975, quando chegou ao fim o chamado “Milagre Econômico”.

Na última década, a produção interna aumentou 32,3% e o agronegócio (agricultura e pecuária) cresceu 47%, ou 3,6% ao ano, sendo o setor mais dinâmico - mesmo depois de ter resistido às crises internacionais, que exigiram uma constante adaptação da economia brasileira. A posição em termos de transparência do Brasil no ranking internacional é a 75ª de acordo com a Transparência Internacional. É igual a posição da Colômbia, do Peru e do Suriname.

2.3.2.2 – Controle e Reforma

Entre as medidas recentemente adotadas a fim de equilibrar a economia, o Brasil realizou reformas para a sua segurança social e para os sistemas fiscais. Essas mudanças trouxeram consigo um acréscimo notável: a Lei de Responsabilidade Fiscal, que controla as despesas públicas dos Poderes Executivos federal, estadual e municipal. Ao mesmo tempo, os investimentos foram feitos no sentido da eficiência da administração e políticas foram criadas para incentivar as exportações, a indústria e o comércio, criando "janelas de oportunidade" para os investidores locais e internacionais e produtores.

Com estas modificações feitas, o Brasil reduziu sua vulnerabilidade: não importar o petróleo que consome; o país tem metade da sua dívida doméstica pela taxa de câmbio ligadas a certificados e viu suas exportações crescerem, em média, a 20% ao ano. A taxa de câmbio não coloca pressão sobre o setor industrial ou sobre a inflação (em 4% ao ano) e acaba com a possibilidade de uma crise de liquidez. Como resultado, o país, depois de 12 anos, conseguiu um

saldo positivo nas contas que medem as exportações/importações, acrescido de juros, serviços e pagamentos no exterior. Assim, respeitados economistas dizem que o país não será profundamente afetado pela atual crise econômica mundial.

2.3.2.3 – Políticas Consistentes

O apoio para o setor produtivo foi simplificado em todos os níveis; ativo e independente, o Congresso e o Poder Judiciário procederam à avaliação das normas e regulamentos. Entre as principais medidas tomadas para estimular a economia estão a redução de até 30% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do investimento de US\$ 8 bilhões em frotas de transporte rodoviário de cargas, melhorando assim a logística de distribuição. Recursos adicionais garantem a propagação de telecentros de negócios e informações.

A Política da Indústria, Tecnologia e Comércio Exterior, na vanguarda deste setor, por sua vez, investe US\$ 19,5 bilhões em setores específicos, a exemplo do software e semicondutores, farmacêutica e medicamento e setores de bens de capital.

2.3.2.4 – Renda no Brasil

O salário mínimo fixado para o ano de 2010 é de R\$ 6.630 ou R\$ 510 por mês, mais o 13º salário adicional (R\$ 255,00 em junho e R\$ 255,00 em dezembro). O PIB per capita do país em 2009 foi de R\$ 16.414.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, com base em dados do IBGE, elaborou uma lista das profissões mais bem pagas do Brasil em 2007. Os valores podem variar muito de acordo com o estado da federação em que o profissional vive. As carreiras de Direito, Administração e Medicina ficaram entre as mais bem pagas, seguidas por algumas Engenharias.

2.3.3 – Informações, Índices e Dados sobre a economia brasileira

- Moeda: Real (R\$)
- PIB em 2009: R\$ 3,143 trilhões
- Renda per Capita em 2009: R\$ 16.414,00

- Crescimento do PIB nos últimos anos:
 - 5,7% (2004), 3,2% (2005), 4 % (2006), 5,7% (2007), 5,1% (2008), - 0,2% (2009)
- Força de trabalho: 101 milhões (estimativas 2008)
- Inflação: 4,3% (IPCA 2009)
- Taxa de desemprego: 7,89% (2008)
- Exportações em 2009: US\$ 152,2 bilhões
- Importações em 2009: US\$ 127,6 bilhões
- Saldo da balança comercial em 2009: US\$ 24,6 bilhões
- Países de quem o Brasil mais importou (2008): Estados Unidos (11,9%), China (10,6%), Argentina (9%) e Alemanha (7,5%).
- País para o qual o Brasil mais exportou (2008): Estados Unidos (15,8%).
- Principais produtos exportados pelo Brasil (2006): minério de ferro, ferro fundido e aço; óleos brutos de petróleo; soja e derivados; automóveis; açúcar de cana; aviões; carne bovina; café e carne de frango.
- Principais produtos importados pelo Brasil (2006): petróleo bruto; circuitos eletrônicos; transmissores/receptores; peças para veículos, medicamentos; automóveis, óleos combustíveis; ulhas em pó, gás natural e motores para aviação.
- Organizações comerciais que o Brasil pertence: MERCOSUL, Unasul e OMC (Organização Mundial de Comércio)
- Principais produtos agrícolas produzidos: café, laranja, cana-de-açúcar (produção de açúcar e álcool), soja, tabaco, milho, mate.
- Principais produtos da pecuária: carne bovina, carne de frango, carne suína
- Principais minérios produzidos: ferro, alumínio, manganês, magnesita e estanho.
- Principais setores de serviços: telecomunicações, transporte rodoviário, técnico-profissionais prestados à empresas, transporte de cargas, limpeza predial e domiciliar, informática, transportes aéreos e alimentação.
- Principais setores industriais: alimentos e bebidas, produtos químicos, veículos, combustíveis, produtos metalúrgicos básicos, máquinas e equipamentos, produtos de plástico e borracha, eletrônicos e produtos de papel e celulose.

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se usa inicialmente da exposição de um referencial teórico, onde é abordado a história dos dois maiores eventos esportivos da humanidade, como ela acabou se entrelaçando à economia dos país-sede, além de uma breve apresentação do atual momento econômico do Brasil. Basicamente mostra-se que a evolução dessas competições está intimamente ligada a evolução do países que a hospedam.

O levantamento de informações visa dar subsistência à análise da importância para um país de hospedar a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, e em um curto intervalo de tempo. Explorou-se os impactos, em especial os positivos, causados nos diversos setores da economia e da sociedade, ligados direta ou indiretamente à realização das duas competições. Adiciona-se a isso o fato de o país-sede estar em evidência por compôr o grupo dos Mercados Emergentes, o que dá uma oportunidade enorme de aceleração de crescimento, com uma “repercussão” muito maior que em países já consolidados e relativamente estagnadas.

Sob a ótica do investidor, este estudo mapeará de forma objetiva os setores que sofrerão as maiores mudanças e fornecerão as melhores oportunidades, quer sejam elas momentâneas, quer perdurem por muitos anos.

4 – COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

Excedendo a barreira e a idéia de “um acontecimento esportivo”, a Copa do Mundo é um evento econômico. Competições esportivas dessa natureza costumam produzir efeitos relevantes sobre a economia do país e das cidades-sede, movimentando muito mais que bolas e bandeiras.

Os investimentos realizados nos anos antecedentes ao evento, para que a imagem mostrada ao mundo seja a melhor possível, são enormes. E as oportunidades de o país se desenvolver econômico e socialmente nos anos subseqüentes é ainda maior. Setores ligados principalmente ao turismo, à hotelaria, à construção civil, aos serviços de informação, aos alimentos e bebidas, e outros, vêm neste evento a oportunidade de obter um crescimento em escala exponencial, tanto antes como depois de sua realização.

4.1 – BREVE PARÊNTESE: ÁFRICA DO SUL 2010

O governo da África do Sul projeta que o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresça acima dos 10% em 2010 com a realização do Mundial de futebol. "Por meio de cálculos conservadores, acredito que o PIB do país registrará um crescimento de 10% em 2010, mas não descarto que chegue inclusive a 15%", disse a vice-ministra de Turismo, Tokozile Xasa.

"O turismo começa a ressurgir", disse Xasa, que lembrou que em 2008 a África do Sul recebeu 9,5 milhões de turistas, 70% deles africanos, por isso se espera que supere os 10 milhões de visitantes em 2010. Segundo estimativas, 450 mil pessoas entrarão no país em razão da Copa, a maioria deles americanos, que compraram o maior número de ingressos até agora.

A África do Sul conseguiu sair da recessão no terceiro trimestre de 2009 depois de a crise econômica global ter produzido números negativos no país depois de 17 anos consecutivos de crescimento. Atualmente, a principal economia africana mostra um índice de desemprego de 24,5% da população ativa e durante a crise perdeu quase 1 milhão de postos de trabalho.

Conforme dados publicados pelo Comitê Organizador Local do Mundial 2010 (LOC, na sigla em inglês), a maior competição internacional de futebol é responsável pela criação de 400 mil postos de trabalho. A missão do governo sul-africano é conseguir agora que o crescimento do emprego não se traduza em pão para hoje e fome para amanhã: "a meta é criar empregos especializados que tenham continuidade depois do Mundial", disse Xasa.

O governo do presidente Jacob Zuma investiu mais de US\$ 10 bilhões em infraestrutura.

4.2 – CASO BRASIL 2014

Em 30 de outubro de 2007, o Comitê Executivo da FIFA nomeou o Brasil como anfitrião da Competição. Com isso, o País será o quinto a sediar duas edições da Copa do Mundo, após o México, Itália, França e Alemanha. Entretanto, o perfil do evento se alterou significativamente desde a Copa de 1950. Em 2014, teremos uma competição de grande porte, cuja realização vai requerer extensos processos de preparação e complexas operações. Por um lado, o Campeonato Mundial gerará reflexos e benefícios em diversos setores da economia e da sociedade, sejam temporários ou duradouros, diretos ou indiretos. Por outro, também apresenta vários riscos, necessitando de processos de gestão eficientes no setor público e privado para que possa proporcionar plenamente esses benefícios à sociedade.

4.2.1 – Impactos Socioeconômicos

O cenário de referência aponta que a Copa do Mundo de 2014 vai produzir um efeito cascata surpreendente nos investimentos realizados no país.

A economia deslanchará como uma bola de neve, sendo capaz de quintuplicar o total de aportes aplicados diretamente na concretização do evento e impactar diversos setores. Além dos gastos de R\$ 22,46 bilhões no Brasil relacionados à Copa para garantir a infra-estrutura e a organização, a competição deverá injetar, adicionalmente, R\$ 112,79 bilhões na economia brasileira, com a produção em cadeia de efeitos indiretos e induzidos. No total, o País movimentará R\$ 142,39 bilhões adicionais no período 2010-2014, gerando 3,63 milhões de empregos-ano e R\$ 63,48 bilhões de renda para a população, o que vai impactar, inevitavelmente, o mercado de consumo interno.

Essa produção também deverá ocasionar uma arrecadação tributária adicional de R\$ 18,13 bilhões aos cofres de municípios, estados e federação. O impacto direto da Copa do Mundo no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é estimado em R\$ 64,5 bilhões para o período 2010-2014.

Como a Copa do Mundo é um evento pontual, uma parte de seus impactos sistemáticos não será permanente. De fato, uma vez concluídos os investimentos e realizada a Copa, a continuidade dos impactos positivos dependerá da capacidade dos stakeholders (agentes envolvidos) em aproveitar as oportunidades e os legados do evento.

Os setores mais beneficiados pela Copa do Mundo serão os de construção civil, turismo alimentos e bebidas, serviços prestados às empresas, serviços de utilidade pública (eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana) e serviços de informação. Em conjunto, todas essas áreas deverão ter sua produção aumentada em R\$ 50,18 bilhões.

No topo da lista dos beneficiados, a construção civil gerará R\$ 8,14 bilhões a mais no período 2010-2014. A produção total do setor em 2010 é estimada em R\$ 144,6 bilhões. Outros exemplos de segmentos da economia que obterão vantagens com a Copa são os de serviços prestados às empresas e serviços imobiliários e de aluguel. O primeiro produzirá R\$ 6,5 bilhões adicionais no período e o segundo, R\$ 4,4 bilhões.

Do total de R\$ 29,6 bilhões que correspondem aos gastos estimados relacionados à Copa (incluindo despesas de visitantes), R\$ 12,5 bilhões terão como origem o setor público (42%) e R\$ 17,16 bilhões serão provenientes do setor privado (58%).

4.2.2 – Mudanças ao longo da história

O país passou por muitas mudanças desde que foi sede pela primeira vez da Copa do Mundo, em 1950. O porte do evento era indiscutivelmente outro. Naquele momento, competiam 13 seleções, disputando 22 jogos em seis estádios, com um público estimado em 1,04 milhão de espectadores.

Já a edição de 2006, sediada na Alemanha, contou com 32 times disputando 64 jogos em 12 estádios, e atraiu 3,35 milhões de espectadores, além de ter gerado 18 milhões de visitas aos Fan Parks (grandes áreas de lazer para diversão pública e gratuita que não existiam na década de 50) e de contar com um número estimado de 26,29 bilhões de telespectadores.

A Copa de 2014, provavelmente, terá dimensões ainda maiores de público e telespectadores, mas seguirá moldes estruturais e de organização semelhantes à das Copas da Alemanha e da África do Sul, em 2010. Além do mais, esse evento não ocorre isoladamente,

sendo antecedido e acompanhado por uma série de outros, dentre os quais se destaca a Copa das Confederações, um ano antes.

A Copa das Confederações é o primeiro grande evento a se realizar no Brasil pouco antes da Copa do Mundo e será, portanto, a prova dos nove para testar se todos os preparativos estão correndo dentro do cronograma e seguindo as especificações da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Com importância relevante, mas em escala reduzida, competem oito seleções, que disputam 16 jogos, com duração de 16 a 22 dias. O público atraído é menor, assim como a divulgação e o peso histórico do evento. Espera-se, por exemplo, que o fluxo de turistas internacionais para esse torneio seja inferior a um quarto dos visitantes estrangeiros esperados para a Copa do Mundo.

Muitas das estruturas requeridas para a Copa do Mundo devem estar prontas para a Copa das Confederações, quando serão testados os estádios, os vários centros de mídia (International Media Center, IMC) e o centro de transmissão dos jogos (International Broadcasting Center, IBC). Já a infraestrutura hoteleira e de transportes deverá, nesse momento, estar em estágio de conclusão.

Para que o megaevento da Copa do Mundo ocorra, o país terá que caminhar a passos largos, apesar do cronograma apertado para a realização das obras já previstas – como será possível observar ao longo desse estudo. Os efeitos positivos em sediar um dos eventos esportivos mais importantes do mundo podem ser perenizados e multiplicados.

Cumpridas todas as etapas e exigências impostas pela FIFA, além de selarmos a imagem do Brasil como capaz de organizar com seriedade uma competição de dimensões internacionais, estaremos alcançando outro patamar socioeconômico e estrutural. Com algumas etapas já vencidas e sólidos fundamentos macroeconômicos, o país segue mais próximo ao almejado status de quinta maior economia do planeta em um futuro bem próximo.

4.2.3 – Fluxo de turistas

Um dos fatores que mais motivam um país a sediar uma Copa do Mundo é o fluxo turístico que tal evento gera – não somente de forma direta, por meio de torcedores que vão

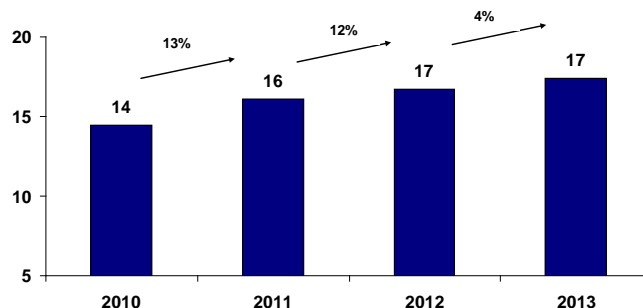
assistir à competição, como também indiretamente, em função da exposição na mídia internacional.

Entretanto, tal oportunidade de crescimento do turismo deve ser aproveitada por meio de diversos eixos de ação, dos quais no Brasil o mais relevante é a remoção de gargalos. A respeito deste ponto específico, é preciso ter em mente que, à exceção de iniciativas isoladas, a crescente visibilidade do país no cenário internacional durante a última década não tem sido adequadamente alavancada pelos setores privado e público para gerar um aproveitamento integral do potencial turístico brasileiro. Esse fato se evidencia na deterioração da qualidade do sistema aeroportuário, bem como na estagnação do número de turistas em anos recentes.

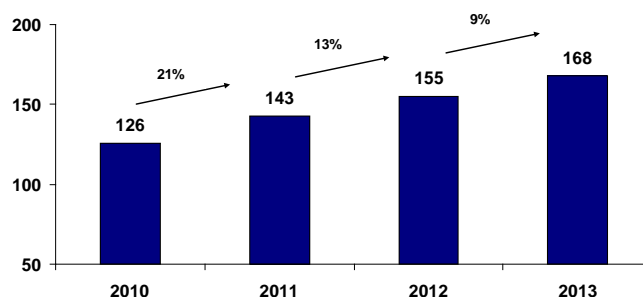
Caso sejam realizadas as ações necessárias para permitir ao Brasil aproveitar as oportunidades geradas pela Copa do Mundo, o evento poderá proporcionar um crescimento de até 79% no fluxo turístico internacional para o Brasil em 2014, com impactos, possivelmente, até superiores nos anos subsequentes. No período 2010-2014, esse número deve chegar a um total de até 2,98 milhões de visitantes adicionais.

O fluxo turístico traz consigo uma entrada significativa de divisas, notoriamente direcionada para os setores de hotelaria, transporte, comunicações, cultura, lazer e comércio varejista. Estima-se que o fluxo turístico induzido direta e indiretamente pela Copa do Mundo seria responsável por receitas adicionais de até R\$ 5,94 bilhões para as empresas brasileiras.

Projeção de passageiros internacionais no Brasil: 2010-2013 (em milhões) – Fonte: Air4casts



Projeção de passageiros domésticos no Brasil: 2010-2013 (em milhões) – Fonte: Air4casts



4.2.4 – Cidades-sede

Há muita expectativa em torno da preparação adequada das cidades-sede para o evento. Muito se questiona se estarão totalmente de acordo com as exigências impostas pela FIFA no que tange à infra-estrutura de estádios, mobilidade urbana, hotelaria e segurança, principalmente. Delas dependerá o sucesso da Copa do Mundo de 2014 e seu legado não só do ponto de vista do evento em si, mas também das condições turísticas regionais.

Quanto ao número de estádios e cidades participantes, a Copa contará com 12 cidades-sede (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Cuiabá, Belo Horizonte, Salvador, Manaus, Porto Alegre, Natal, Curitiba, Fortaleza, Recife) que, distribuídas entre as cinco regiões do país, diferem significativamente entre si, em termos de condições de infra-estrutura, capacidade e adequação de seus estádios e características geográficas.

Neste contexto, os jogos com maior expectativa de público – tais como o de abertura e os jogos da segunda fase – deverão ser recebidos pelas cidades-sede com estádios de maior capacidade e melhores condições gerais.

Essas cidades serão alvo de iniciativas de infra-estrutura que no total somarão investimentos da ordem de R\$ 14,54 bilhões. Só em reurbanização e embelezamento, com foco nos locais com maior movimento de turistas e no entorno dos estádios, os gastos estão estimados em R\$ 2,84 bilhões. A estrutura necessária para a realização da Copa e dos eventos associados é extensa, compreendendo não apenas os estádios, que devem se adequar às especificações da FIFA, como também a base de tecnologia de informação em cada cidade-sede, os centros de mídia (IMCs) e de transmissão dos jogos (IBCs), e as instalações dos Fan Parks.

4.2.5 – Setores impactados diretamente

O período de preparação para a Copa do Mundo envolve, como já mencionado, uma série de investimentos em projetos de infra-estrutura, edificações e obras, formação de capital humano, aquisição de bens de capital e em mídia e publicidade. Parte desses investimentos será custeada pelo governo, sendo o restante bancado pelo setor privado e pelas instituições associadas à Copa do Mundo.

Construção e reforma dos estádios esportivos: diversas cidades-sedes não dispõem de estádios em condições de sediar partidas de competições internacionais. Mesmo aqueles estádios que estão entre os mais adequados do Brasil não cumprem atualmente todos os requisitos de acessibilidade, segurança, conforto, iluminação, estrutura e serviços exigidos pela FIFA. Em Natal, Recife e Salvador, por exemplo, serão construídos estádios novos. As demais cidades-sede terão seus estádios readequados por meio de reformas. Esta categoria corresponde ao principal componente de custo isolado da Copa do Mundo 2014, alcançando um total de R\$ 4,62 bilhões. As obras previstas são extensas e, caso não sejam realizadas de acordo com os requisitos da FIFA, podem custar às cidades-sede a oportunidade de sediar certos jogos.

Expansão e adequação do parque hoteleiro: a Copa do Mundo gerará aumento na demanda dos complexos hoteleiros das cidades-sede, não apenas diretamente devido ao evento, mas também ao incremento de fluxo turístico causado pela maior exposição internacional do País como destino turístico. Entretanto, de todas as cidades-sede, somente Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba estão melhor preparadas para atender a essa demanda. Nas demais cidades, o número de turistas esperado supera a capacidade atual para hospedá-los, ocasionando déficit total projetado de 62.397 unidades. O desafio de quitar esse déficit exigirá uma expansão e adequação da capacidade do setor, necessitando de investimentos significativos. Os investimentos já projetados, da ordem de R\$ 3,16 bilhões, adicionarão 19.493 novas unidades habitacionais ao pool hoteleiro das cidades-sede. Nota-se que essa projeção é insuficiente para atender à demanda por completo, indicando que, provavelmente, será feito uso de alternativas de hospedagem, tais como aluguel de apartamentos por temporada, acomodação em cidades próximas, ou até o recrutamento de navios de cruzeiro ociosos, como ocorreu na Olimpíada de 2004 em Atenas.

Investimentos em mídia e publicidade: a exemplo de edições anteriores, a Copa de 2014 gerará uma grande valorização do espaço de mídia (incluindo televisão, rádio, internet, espaço físico e outros). Por exemplo, a Copa do Mundo da Alemanha impulsionou um crescimento de 5,1% no faturamento do setor de publicidade daquele país em 2006. Similarmente, estima-se que serão realizados investimentos em mídia da ordem de R\$ 6,51 bilhões por conta do evento no Brasil, efetuados principalmente pelo setor privado e concentrados majoritariamente no ano de 2014.

Investimentos em tecnologia da informação: em 32 dias, a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha gerou a produção e tráfego de cerca de 15 terabytes de dados, o equivalente a 100

milhões de livros. Esse tráfego exigiu a implantação e operação de uma extensa infraestrutura de TI, com a participação de mais de 1.000 profissionais da área. O crescimento da participação da mídia profissional e da conectividade dos usuários amadores, assim como o aumento contínuo na resolução dos formatos digitais de imagem e vídeo, são indicadores de que, na Copa de 2014, esses números serão ainda mais elevados. Estima-se que serão necessários investimentos de R\$ 309 milhões para acomodar o grande fluxo de dados e capacidade de processamento associados ao evento.

Implantação de centros de mídia e transmissão de dados (IMCs e IBC): os centros internacionais de transmissão de dados ou broadcasting e de mídia são estruturas fundamentais para o funcionamento da Copa do Mundo. Os International Media Centers (IMCs) são centros localizados em cada cidade-sede que transmitem informações sobre os eventos ocorridos para o International Broadcast Center (IBC). Este funciona como uma central, a partir da qual as informações são enviadas para outros países. O IBC é um centro muito mais complexo que os diversos IMCs e precisa de um local apropriado para exercer sua função, enquanto os IMCs podem ser localizados dentro dos estádios que sediarão os jogos. A implantação do IBC requererá investimentos de R\$ 184 milhões. Já os custos de implantação dos IMCs estão incluídos nos projetos de adequação dos estádios.

Investimentos públicos em infraestrutura de transportes: a grande distância entre as Quadro 4 cidades brasileiras e o esperado aumento no fluxo de visitantes ao País obrigarão o setor público a investir na expansão da capacidade aeroportuária e na manutenção ou recuperação de rodovias. Ao longo de junho e julho de 2014, a Copa gerará um fluxo adicional de 2,25 milhões de passageiros nos aeroportos brasileiros. Esse fluxo corresponde a 11,8% da demanda média mensal do sistema aeroviário em 2009. Para fazer frente a esse aumento de demanda, serão realizados investimentos de R\$ 1,21 bilhão. Além disso, será necessário intervir em 4.334 quilômetros de rodovias, entre obras de reconstrução, manutenção e ampliação. A realização dessas obras requererá aportes de R\$ 1,44 bilhão além dos investimentos já previstos sem a Copa.

Reurbanização das cidades: como em outras edições do evento, a Copa de 2014 representará uma oportunidade para revitalizar as áreas turísticas das cidades-sede (totalizando 379 km²), os entornos de seus aeroportos (132 km²) e de seus estádios (0,6 km²). Esses locais serão alvo de iniciativas tais como: iluminação pública; pavimentação de calçadas e vias;

renovação do mobiliário urbano; readequação do espaço urbano para atendimento das necessidades de pessoas portadoras de necessidades especiais; construção de áreas de lazer; e embelezamento em geral. No total, tais iniciativas representarão investimentos estimados em R\$ 2,84 bilhões.

Investimentos em segurança pública: em um evento de grandes proporções e visibilidade como a Copa do Mundo, garantir a segurança é essencial. Embora algumas cidades candidatas apresentem desafios relacionados à violência urbana, a experiência do País em eventos internacionais como a Eco-92 e os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 demonstra que esse objetivo pode ser plenamente alcançado, desde que se realizem os investimentos necessários. A experiência recente mostra que dispêndios em treinamento e equipamentos tendem a reduzir o tempo de resposta da ação policial e contribuir para a diminuição da violência, até mesmo após a competição, representando um importante legado da realização do evento. A garantia da realização do campeonato com um nível elevado de segurança vai requerer investimentos de R\$ 1,70 bilhão em infraestrutura de segurança (veículos e aeronaves, sistemas de comunicação e tecnologia), treinamento, armamentos e outros dispêndios essenciais.

Instalação de Fan Parks, grandes parques ou áreas ao ar livre transformados em espaços de lazer para diversão e integração do público: esses parques, instalados pela primeira vez na Copa do Mundo da Alemanha, estarão presentes nas 12 cidades-sede e contarão com atividades de entretenimento, venda de alimentos e bebidas, festas, telões para transmissão dos jogos ao vivo e palcos para shows entre as partidas. Com entrada franca, os Fan Parks de 2006 tiveram alta frequência, programação intensa e excelente receptividade por parte dos participantes. Enquanto na Copa da Alemanha o público nos estádios de futebol chegou a 3,4 milhões de pessoas, os Fan Parks atraíram 18 milhões de participantes. Os investimentos de instalação dos Fan Parks estão estimados em R\$ 204 milhões, incluindo a estrutura física, serviços de limpeza, segurança e outros, além das atividades de entretenimento. As ações vitais da operação Para que o evento de fato ocorra no padrão exigido pela FIFA, um comitê organizador é constituído e responsabilizado pela fiscalização e cobrança do cumprimento da agenda de conclusão das obras.

4.2.6 – Análise SWOT (FOFA)

A Copa do Mundo de Futebol, como todo evento onde se tem grandes investimentos financeiros, pode ser vista como um plano de negócios. E como tal, podemos analisar suas oportunidades, ameaças, fraquezas e forças.

Análise Externa	Análise Interna
<u>O</u> - Oportunidades: - Desenvolvimento do país - Mostrar capacidade de organização - Oportunidade para obter investimentos em diversos setores	<u>S</u> - Forças: - Forte exposição internacional - País em franco crescimento (BRIC)
<u>T</u> - Ameaças: - Terrorismo - Caos urbano (vide “Guerra contra o Tráfico” no Rio de Janeiro, em novembro de 2010)	<u>W</u> - Fraquezas: - Burocracia - Dificuldade em aprovar projetos - Aeroportos

Cruzamento das linhas:

- SO (maxi-maxi): O Brasil, sendo um país emergente e estando em evidência internacionalmente, pode aproveitar a Copa do Mundo e firmar sua consolidação mundial, mostrando estar apto a hospedar todo e qualquer evento, não apenas esportivo.
- WO (mini-maxi): Há oportunidade clara de desenvolver estratégias que minimizem os processos burocráticos no Brasil, de forma a simultaneamente mitigá-los e desenvolver os setores que necessitam de investimentos rápidos para adequação ao evento.
- WT (mini-mini): O Brasil tem que desenvolver estratégias para conter o caos urbano, em especial em cidades que têm facções criminosas atuantes, e isso passa necessariamente por redução dos burocracia e interesses internos em aprovar projetos de segurança pública.

4.2.7 – Modelo de Porter

Embora não seja exatamente um produto, e não haja “concorrente”, a realização da Copa do Mundo, sob a ótica do Modelo de Porter, pode ser lida como:

- Liderança no custo: A lógica é baixar custos. No intuito de fazer uma Copa do Mundo sustentável, o Brasil deve investir sim nos setores-chave, mas de maneira a não estourar o orçamento previamente acordado, fazendo com que o torneio se torne exemplar no quesito “despesas”.
- Diferenciação: Todas as Copas do Mundo foram diferentes umas das outras, com cada país tentando expor o que tem de melhor para o mundo. O Brasil tem uma chance de ouro de mostrar ser um país que merece melhores atenções dentro do contexto global, oferecendo um “produto” de qualidade que deixará um rastro positivo para o país.
- Enfoque: O Brasil precisará atender às necessidades de diversas nacionalidades e culturas diferentes, em uma prova final de se diferenciar e atender à todas as expectativas.

5 – OS JOGOS OLÍMPICOS

5.1 – BARCELONA 1992

Ferran Brunet, estudioso da Universidade Autònoma de Barcelona, em seu artigo "*An economic analysis of the Barcelona'92 Olympic Games: resources, financing and impacts*", argumenta que a transição espanhola para a democracia iniciada em 1975 coincidiu com uma grave crise econômica que teve impactos fortes em Barcelona, como a transferência de certas indústrias para outras regiões, a estagnação da população e a baixa atividade política. Dessa forma, o melhor modo de revitalizar a cidade, que proporcionou esforços conjuntos de renovação urbana e projeção externa, foi sua nomeação para sede dos Jogos Olímpicos de 1992. Entre outubro de 1986, quando foi escolhida, até o verão europeu de 1992, Barcelona "saiu da depressão para a prosperidade".

Ferran argumenta que um dado importante do sucesso foi o estabelecimento de um modelo de organização que tinha como objetivo fundamental, além daqueles do espírito olímpico, proporcionar uma ampla transformação urbana da cidade, que pudesse melhorar a qualidade de vida da população e tornar Barcelona mais atrativa interna e externamente. "Entre 1986 e 1993, Barcelona sofreu a mais dramática transformação urbana de toda a Europa".

Em uma ação conjunta da prefeitura de Barcelona, do governo espanhol, do governo autônomo da Catalunha e dos comitês olímpicos espanhol e internacional, foram criados núcleos administrativos com pessoas não-associadas à administração pública da cidade. Foram fechadas grandes parcerias público-privadas e foi feita uma separação essencial entre a gestão dos investimentos e da organização dos jogos, com pessoal especializado na administração de suas respectivas áreas.

Segundo dados da prefeitura de Barcelona, entre 1985 e 1992 - sete anos, o mesmo espaço de tempo entre hoje e 2016 -, o consumo elétrico da cidade cresceu 29.7%. Na mesma proporção aumentou o consumo de gás. A produção de lixo por habitante cresceu 56%, o volume de passageiros que entraram e saíram pelos aeroportos da cidade aumentou 66.6%, em vôos nacionais, e 119%, em vôos internacionais. Os telefonemas interurbanos cresceram 44%; e de Barcelona para fora do país, 306.2%.

Fechado o caixa das Olimpíadas, em julho de 1993, a renda gerada alcançara US\$ 1,639 bilhão e foram gastos pelo Comitê Organizador Olímpico Barcelona 1992, S.A. US\$ 1,634 bilhão, 1/3 deles via patrocinadores. Outro terço gerado pelos direitos da televisão. E o restante dividido entre as várias instâncias públicas e olímpicas que participam da organização dos jogos.

Entre os gastos do Comitê, 50% deles foram em serviços. Com pessoal, a organização de Barcelona gastou apenas 11% dos recursos, e 5% na compra de materiais. Com isso, os investimentos na cidade feitos pelo próprio Comitê Olímpico foram 34% de suas despesas. Quanto maior for a parcela de investimentos nos gastos, maior será o legado para a cidade.

Nesse sentido, os principais focos de todo o investimento na cidade gerado pelos Jogos foram em estradas e infra-estrutura de transporte, habitação, escritórios e salas comerciais, telecomunicações e serviços tecnológicos, hotelaria, construções esportivas e infra-estrutura de meio ambiente.

Cerca de 32% dos projetos foram levados à frente pela iniciativa privada, um terço deles com capital estrangeiro. As áreas mais afetadas foram: habitação, hotéis, centros empresariais e transporte. Investimentos públicos e de estatais contribuíram com 68% do total das atividades em torno dos Jogos.

Alguns problemas apontados mais diretamente foram o aumento do custo de vida em 20% entre 1983, quando foi anunciada a candidatura, e 1992. A forte elevação das transações em dólares causou também pressão sobre o câmbio, e foi estabelecida uma referência cambial específica para os negócios em dólares envolvendo os Jogos Olímpicos.

Com relação aos custos dos Jogos e seu financiamento, uma distinção foi feita entre as despesas com organização e aquelas investidas em projetos. As últimas foram produtos de investimentos diretos e indiretos na cidade, e investimentos induzidos pelo evento, que, novamente, deixam um legado para a população e a região. Com isso, o custo real das Olimpíadas representou apenas 14,5% de todo o orçamento. Por outro lado, 85% do gasto total com os Jogos Olímpicos de 1992 foram investimentos em Barcelona.

A experiência de Barcelona mostra que é preciso manter baixas as despesas com a organização e privilegiar os investimentos, buscando qualidade, para que o benefício à cidade seja duradouro.

5.2 – CASO BRASIL 2016 – RIO DE JANEIRO

Para as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, estima-se 380 mil turistas visitando o Brasil. Durante a fase de preparação e realização dos Jogos Olímpicos, a previsão é a de que sejam gerados 120 mil empregos anuais no País. Como efeito da realização das Olimpíadas no Brasil, a expectativa é de um impacto de US\$ 11 bilhões no PIB entre 2009 e 2016 e de US\$ 13,5 bilhões entre 2017 a 2027, segundo o Estudo de Impactos Socioeconômicos Potenciais da Realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro em 2016, desenvolvido pela FIA (Fundação Instituto de Administração) para o Ministério do Esporte.

As Olimpíadas de Sidney foram uma das melhores experiências em benefícios para o turismo de um país na história dos Jogos. Um número adicional de 1,7 milhão de visitantes e US\$ 3,4 bilhões em divisas chegaram ao país no período de 1997 a 2004. Mais do que isso, a Marca Austrália avançou o equivalente a dez anos antes e durante os Jogos, com a nova forma pela qual o mundo passou a conhecer o país como destino turístico e também como destino de eventos.

A estimativa dos órgãos de turismo britânicos é que os Jogos Olímpicos de Londres em 2012 devem gerar ganhos para o setor de turismo na ordem de 2,1 bilhões de libras no período de 2007 a 2017.

5.2.1 – Impactos socioeconômicos

Em um estudo sobre impacto econômico dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 no Rio de Janeiro encomendado pelo Ministério do Esporte, concluiu-se que os investimentos públicos e privados e os gastos do Comitê Organizador para a realização dos Jogos provocariam efeitos multiplicadores amplos e diversificados na economia do País que se refletiriam positivamente em uma variedade de setores econômicos durante anos.

É um impacto de longo prazo, considerado no estudo até 2027. O período de dez anos, entre 2017 e 2027, é suficiente para a eliminação de efeitos sazonais, ou seja, afere a consolidação do cenário econômico-social após a passagem do megaevento esportivo.

O estudo, feito pela Fundação Instituto de Administração, tem como base de cálculo o valor de US\$ 14,4 bilhões nominais (R\$ 28,8 bilhões) estipulado no dossiê de candidatura do

Rio. Esse total está assim distribuído no projeto olímpico: US\$ 2,8 bilhões (ou R\$ 5,6 bilhões) para a estrutura do Comitê Organizador e US\$ 11,6 bilhões (R\$ 23,2 bilhões) em recursos públicos e privados para a infra-estrutura necessária aos Jogos.

Para efeitos de cálculos do orçamento entregue pelo Rio ao Comitê Olímpico Internacional (COI), a candidatura brasileira adotou a paridade de US\$ 1 = a R\$ 2. Portanto, todos os cálculos de impacto econômico levam em conta esta paridade, adotada no início de 2008, quando da entrega do questionário de postulação.

A injeção de US\$ 14,4 bilhões nominais (ou US\$ 12 bilhões em valores de 2008) na realização dos Jogos Olímpicos vai gerar um multiplicador de produção de 4,26 que proporcionará uma movimentação na economia brasileira de US\$ 51,1 bilhões (R\$ 102,2 bilhões se considerada a paridade cambial prevista no dossiê) no período de 2009 a 2027.

Isso significa que para cada dólar investido nos Jogos a iniciativa privada injetaria outros US\$ 3,26 nas cadeias produtivas associadas ao evento. No período de 2009 a 2016 o impacto na produção (Valor Bruto de Produção) do País será de US\$ 24,6 bilhões (R\$ 49,2 bilhões). Já no período de 2017 a 2027, será de US\$ 26,5 bilhões (R\$ 53 bilhões), sempre levando em conta os investimentos previstos de US\$ 14,4 bilhões e a paridade de dois reais para um dólar.

Os resultados mostram que a produtividade dos investimentos com os Jogos Olímpicos é ampliada no longo prazo. À medida que o projeto amadurece, os ganhos de produtividade tornam-se maiores porque registra-se complementaridade entre os investimentos nos Jogos e a atração de investimentos privados para os negócios associados à cadeia produtiva.

Foram identificados 55 setores da economia que mais poderão se beneficiar com a realização do megaevento. Entre eles, os setores com maior movimentação em virtude dos Jogos seriam: construção civil (10,5%), serviços imobiliários e aluguel (6,3%), serviços prestados a empresas (5,7%), petróleo e gás (5,1%), serviços de informação (5%) e transporte, armazenagem e correio (4,8%).

A estimativa de impacto no PIB do Brasil é de US\$ 11 bilhões (R\$ 22 bilhões) no período de 2009 a 2016, enquanto que no período de 2017 a 2027 será de US\$ 13,5 bilhões (R\$ 27 bilhões).

O estudo prevê aumento gradativo do poder de compra da população. Os resultados mostram crescimento do número de postos de trabalho no período, sobretudo na construção civil.

Os aportes de US\$ 14,4 bilhões resultariam em 120.833 pessoas contratadas direta e indiretamente ao ano, entre 2009 e 2016, e 130.970 pessoas, ao ano, entre 2017 e 2027.

Para chegar a estes resultados os pesquisadores utilizaram a Equivalência Homem por um Ano (EHA), que representa a soma das horas (pagas) de trabalho (temporário e permanente) criadas para organizar e realizar os Jogos.

Os ganhos do País com os Jogos ocorrem também na forma de arrecadação de impostos. O conjunto de investimentos geraria até 2027 uma arrecadação tributária adicional para os governos municipal, estadual e federal equivalente a 97% dos investimentos previstos para os Jogos. Em outras palavras, os investimentos na realização das Olimpíadas retornam aos cofres públicos ao longo do tempo, com a arrecadação tributária.

Isso significa que o gasto público atuaria como um elemento indutor na forma de "adiantamento" e se "pagaria" em forma de impostos e taxas incidentes sobre o movimento adicional na dinâmica macroeconômica prevista.

Para o até então atual secretário de Alto Rendimento do Ministério do Esporte, Ricardo Leyser, esse resultado demonstra que "não há contradição entre investir nos Jogos e investir em escolas, hospitais, postos policiais e outras necessidades da população, já que o retorno permite que o poder público realize as Olimpíadas e atenda às demandas sociais".

Ele acrescenta que "a função da política pública de investimento é exatamente alocar recursos onde existe a possibilidade de esta iniciativa gerar transformações socioeconômicas relevantes, que é o caso dos Jogos".

Os efeitos positivos dos Jogos não se limitariam ao Estado do Rio de Janeiro. Os impactos foram mapeados em quatro áreas geográficas: município do Rio de Janeiro; sua região metropolitana; restante do Estado do Rio; e o restante do Brasil.

Mais da metade da massa salarial (50,9%) e dos empregos (53,1%) gerados pelo evento esportivo beneficiariam pessoas que moram além das fronteiras do Rio, assim como parcela significativa do PIB (41,6%) e da produção (47%). Na fase de preparativos e de realização dos Jogos, 2009 a 2016, o Rio de Janeiro apresentaria ganhos mais fortes em massa salarial (52%) e emprego (53,3%) com a realização do evento. Enquanto que no resto do País esses percentuais chegariam a 48% (salário) e 46,7% (emprego).

Porém, no período após as Olimpíadas, de 2017 a 2027, haverá uma maturação dos investimentos feitos. Nesta fase, a participação dos impactos no PIB (62,4%) e no Valor Bruto

de Produção (59,5%) no Rio de Janeiro passa a ser maior do que no resto do Brasil (PIB 37,6% e produção 40,5%).

O atual ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior, acredita que "os investimentos previstos para a realização do evento têm potencial para promover um processo de reestruturação da economia regional, com impactos benéficos na economia de todo o País".

Em função disso, "a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos no Rio de Janeiro não se trata apenas de um projeto para o Rio, mas para o Brasil em geral, porque o investimento é feito no Rio porém se irradia para todo o País". Ele está convicto de que os Jogos abrem novas oportunidades para a economia e conseqüentemente para a população brasileira. E conclui: "Difícilmente outras cidades concorrentes receberiam um legado tão significativo quanto o do Rio de Janeiro".

5.2.2 – Análise SWOT (FOFA)

A Copa do Mundo de Futebol, como todo evento onde se tem grandes investimentos financeiros, pode ser vista como um plano de negócios. E como tal, podemos analisar suas oportunidades, ameaças, fraquezas e forças.

Análise Externa	Análise Interna
<u>O</u> - Oportunidades: - Desenvolvimento da cidade - Divulgação de esportes pouco conhecidos - Absorção de investimentos em diversos setores	<u>S</u> - Forças: - Cidade reconhecida internacionalmente - Turismo - Realização da Copa do Mundo, que já deixará um legado de melhorias
<u>T</u> - Ameaças: - Caos urbano (vide “Guerra contra o Tráfico”, em novembro de 2010) - Terrorismo	<u>W</u> - Fraquezas: - Violência - Atrasos em diversos projetos - Segurança pública - Transporte

Cruzamento das linhas:

- SO (maxi-maxi): O Rio de Janeiro é uma cidade reconhecida mundialmente pelas suas belezas naturais e pelo forte apelo turístico. As Olimpíadas elevam a possibilidade de a cidade se firmar em territórios e nações pouco antes exploradas, de maneira a aumentar os investimentos e o turismo na cidade.

- WO (mini-maxi): Setores deficitários e questionados, como transporte e segurança pública, vêm nesse tipo de evento a oportunidade de evoluírem e corrigirem erros fundamentais e estruturais.

- WT (mini-mini): Durante a “Guerra Urbana” que se instaurou na cidade em novembro de 2010, chegou-se a notar ameaças por parte do poder paralelo da realização dos jogos Olímpicos. Com todo o aporte financeiro que a cidade receberá, delinear estratégias que reпреendam e coíbam esse tipo de manifestação se faz mais do que necessário, e completamente concreto.

5.2.3 – Modelo de Porter

Seguindo a mesma linha do que foi analisado no capítulo da copa do Mundo, as Olimpíadas não são realmente um “produto”, e não têm “concorrente”. A cidade já ganhou a chance de hospedar o evento. Porém, sob a ótica do Método de Porter, as três estratégias podem ser vistas da seguinte maneira:

- Liderança no custo: A lógica nesse quesito novamente é baixar custos. O que se notou até hoje foram obras superfaturadas e mal acabadas, em inúmeros setores. Porém, com a importância do evento, Jogos sustentáveis e que minimizem custos são mais do que metas, são obrigações para a cidade.
- Diferenciação: Sendo um evento mais a nível regional, as Olimpíadas consegue, mais do que promover um país, conseguem promover uma cidade. E sendo esta o rio de Janeiro, com todas as belezas naturais e alegria do povo, há enormes chances de a cidade atingir o patamar incontestável de receptora turística, não só durante a realização do evento, mas após ele. O legado de ser a primeira cidade sulamericana a hospedar a competição é, sem dúvida, um diferencial positivo.
- Enfoque: O Rio de Janeiro já é uma cidade semi-pronta para receber diversos povos e diversas culturas diferentes. Mas obviamente, o sucesso do evento passará necessariamente pela adequação completa da cidade às necessidades de seus visitantes, sejam eles apenas espectadores, sejam eles pessoas influenciáveis, políticos e autoridades internacionais.

6 – CONCLUSÃO

Tanto a Copa do Mundo de 2014 quanto as Olimpíadas de 2016 são oportunidades de ouro para o Brasil. Os setores que serão impactados têm enorme importância no desenvolvimento do país e das cidades hospedeiras. A possibilidade de alavancagem que esses eventos darão ao país é mensurada a nível exponencial.

O momento é propício a oportunidades de investimento e à obtenção de resultados concretos a curto, médio e longo prazos. A chance de ampliar a exposição do Brasil no exterior, de modo a aumentar o número de visitantes e a entrada de divisas no país, é clara e evidente. Falando internamente, a rede de transportes, o setor de infra-estrutura, a segurança pública, o setor de serviços públicos e privados, habitação, hotelaria e outros, partem do pressuposto de saírem de um patamar de incerteza e pouco investimento, para um padrão de, guardadas as devidas proporções, países desenvolvidos.

A economia já começou a se aquecer, ainda mais vindo de bases comparativas que foram duramente impactadas nos anos de 2008 e 2009. A geração de empregos, temporários ou fixos, que surgem e surgirão nos inúmeros setores impactados pelos megaeventos esportivos funciona como combustível para o crescimento do país, uma vez que pessoas empregadas giram seu dinheiro através de maior consumo e da evolução na cadeia social, em especial com o fortalecimento da nova classe “C”.

Ambas as competições funcionarão como uma espécie de “resgate” do país, tirando o atraso em termos de investimentos. Os setores municipais, estaduais e federais precisarão se alinhar nos interesses em comum, o que ratifica a unificação do país e o faz caminhar em um lado só, o lado da expansão. Além disso, por se tratarem de eventos internacionais, a garantia de que os investimentos serão conduzidos de maneira correta é inquestionável, pois precisarão passar pelo crivo do mundo, e não apenas por interesses de setores locais.

A sustentabilidade dos projetos realizados em ambas as competições deverá ultrapassar o caráter oportunista e mercadológico, chegando ao patamar de responsável e duradouro. Acredita-se que o Brasil esteja apto a hospedar ambos os eventos por estar em uma posição de franco crescimento econômico, e consciente de que se trata de algo permanente e que se arrastará positivamente não apenas nesta década, mas também adentrando na próxima.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil Sustentável – Impactos Socioeconômicos da Copa do Mundo 2014: Estudo de caso da **Ernst & Young** em parceria com a **Fundação Getúlio Vargas**, 2010.

FERLA, LUIZ ALBERTO. **Como aproveitar o otimismo de início de ano?**

Sítio: **Copa 2014** – Site do Governo Federal do Brasil. Disponível em: < <http://www.copa2014.org.br/copadomundo2010/noticias> >

Sítio: **Revista Exame**. Disponível em: < <http://portalexame.abril.com.br/negocios/copa-mundo-olimpiadas-podem-elevar-exportacoes-brasileiras-30-diz-barclays-505300.html>>

Sítio: **SEBRAE**. Disponível em:

<http://www.sebrae-sc.com.br/novos_destaquos/oportunidade/default.asp?materia=18718>

Sítio: **Air4casts**. Disponível em: <<http://www.air4casts.com>>

Sítio: **Raquel Rolnik**. Disponível em: < <http://raquelrolnik.wordpress.com/2010/11/03/impactos-urbanos-e-violacoes-de-direitos-humanos-nos-megaeventos-esportivos-seminario-dias-8-e-9/>>

Sítio: **Copa do Mundo FIFA**. Disponível em: <<http://FIFAworldcup.yahoo.com>>

Sítio: **Mercado Imobiliário**. Disponível em < <http://incorporacaoimobiliaria.com/2009/12/11/as-oportunidades-das-olimpiadas-rio-2016-para-cada-agente-do-setor/>>

Sítio: **Olimpíadas Rio 2016**. Disponível em: < <http://olimpiadasriobr2016.blogspot.com/>>

Sítio: **IBGE**. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Sítio: **Portal dos Administradores.** Disponível em:
<<http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/copa-e-olimpiadas-motivam-novo-programa-de-captacao-de-eventos-da-embratur/33031/>>

Sítio: **JusBrasil Política.** Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/politica/3807485/jogos-olimpicos-no-rio-deixarao-legados-socioeconomicos-de-impacto>>

Sítio: **Banco Mundial.** Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org>>

Sítio: **Blog do Itassu.** Disponível em: <<http://arthur-ituassu.blogspot.com/2009/10/como-olimpiada-transformou-barcelona.html>>

Sítio: **Ministério do Turismo.** Disponível em:
<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/outros_estudos/Documento_referencial/>

Sítio: **Brasil Escola.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/>>

Sítio: **IPEA.** Disponível em: <www.ipeadata.gov.br> – Acessado em 29/05/2010

Sítio: **Sua Pesquisa.** Disponível em:
<<http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historiadacopa.htm>>

Sítio: **Duplipensar.** Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/dossies/historia-das-copas-do-mundo/como-se-escolhe-um-pais-para-ser-sede-da-copa-do-mundo.html>>

Sítio: **Wikipedia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA>

Sítio: **UOL - Olimpíadas.** Disponível em:
<<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/evolucao-dos-jogos/paises.jhtm>>